

Diário de Lisboa

Número avulso: 30 CENTAVOS

Administrador e editor

MANZONI DE SEQUEIRA

ADMINISTRAÇÃO — Rua de Rosa, 57, 2.º

Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANZO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão

RUA LUZ SORIANO, 44

TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

TANTO mal se diz do jornalismo e dos jornalistas, que tem de se acolher com jubilo a opinião favorável dum outro homem ilustre, bastante lucido de intelligencia para apreciar e louvar a grande missão da Imprensa, e o merecimento daqueles que a exercê-la se ennobrece. Registem-se, pois, as palavras que o eminente Octavio Mangabeira disse, ultimamente, a tal respeito no seu discurso de recepção na Academia Brasileira: — «personalidade literaria ha-de reconhecer ao jornalista que, sob a emoção do facto que acaba de succeder, na vertiginosidade das horas, se não até dos minutos de que ás vezes apenas dispõe, lava, ao correr da pena, o comentário, em forma lapidaria». Não são muitos os estadistas capazes deste compreendido espirito de justiça. Agrada que o possua e manifeste o politico notavel, que soube e quiz prestigiar o idioma patrio, impondo o seu uso nos Congressos Internacionais e prestando assim relevante e inesquecível serviço ao Brasil e a Portugal.

★ ★ ★

NA Maternidade de Madrid estiveram os jornalistas, na noite do fim do ano para o primeiro dia de 1935, á espera que nascesse uma criança — que seria a primeira do Ano Novo, e teria no seu destino — no anonimato paternal — apenas um sinal cronologico confidencial. Em Espanha ainda existe a «roda».

Esperaram, e ás quatro e meia da madrugada um menino viu a luz. Não foi talvez o primeiro de 1935 em Espanha, mas foi o primeiro da Maternidade, e isso bastou para que o seu retrato viesse no jornal.

A enfermeira sorri e o menino, envolto em faixas brancas, dorme. O segredo do seu nascimento não foi desvendado senão pela gravura, que dá uma visão grafica mas não a decifração de um misterio.

E é o misterio, afinal a razão da fotografia.

★ ★ ★

REGRESSOU ontem á noite a Lisboa, vindo da sua casa de Trás-os-Montes, o nosso querido amigo sr. Pires Avelanoso, illustre director honorario do Arquivo Historico Colonial, de que foi fundador.

★ ★ ★

FOI publicado um decreto aprovando, para ser ratificada, a convenção assinada em Lourenço Marques pelos delegados do Governo português e da União Sul Africana relativa á revisão das clausulas da convenção assinada entre os mesmos governos em 1928.

★ ★ ★

PARTE amanhã, via Madrid e Paris, para Sarrebrucke — onde vai assistir ao plebiscito do dia 13 — o nosso camarada Felix Correia, que depois visitará Berlim e Hamburgo.

A Historia

O aparecimento da «Historia de Portugal», de Alfredo Pimenta, fez compreender a muita gente, habitualmente distraída, que o ensino da historia tem uma importancia primacial na formação das novas gerações. Não é assunto para ser descurado nem para ser entregue ás turbulencias sectaristas.

Portugal tem um passado de que pode orgulhar-se — passado onde abundam os lances heroicos, as virtudes grandes e as humildes, os cantos de amor e os contos de fadas, a tragedia, o romance, a epopeia e a flamula mistica do Flos Sanctorum.

Não ha no mundo uma historia como a nossa — podemos afirmá-lo sem falso patriotismo e sem sombra de vaidade. Quem se ocupa dela, com o animo turvado pela duvida ou dominado por prejuizos estreitos, comete uma profanação.

Entregá-la ás turias do jacobinismo ou ás do reaccionarismo, sem respeito pela nobreza original duma raça que, mesmo nos seus erros e nas suas catastrofes, não se contunde com qualquer outra, seria o mesmo que confiar a qualquer demente a guarda dum tesouro precioso.

Durante muitissimos anos imaginou-se que Portugal estava todo nos «Lusiadas» e que bastava ler as estancias inequalaveis para acender o fogo sagrado da Patria em cada peito. Graças a esta crença esdruxula, alguns dos nossos historiadores procederam com mão desembaraçada e imprudente, buscando, através de quatro dinastias, a morte de todas elas.

Que fizeram os nossos reis?

A darmos-lhe credito, teriam sido harpias, a devorar a carne duma nação. Tiranos e devoristas. Corrompidos e corruptores. Viciosos e cinicos. Felizmente que tais juizos, acen-tuadamente injustos, perderam a importancia de que gozaram nos cerebros ignaros e confusos. Nasceu outro espirito nos homens e a historia passou a ser vista como deve ser — a serie multi-secular das encarnações duma alma que marca em cada facto a sua presença total.

Porque é tão difficil escrevê-la, não havendo livro que se possa considerar definitivo?

Naturalmente, por que não se trata de pesar cinzas, numerar pedras monumentais ou funerarias, recolher os despojos mortais dos epigonos ou das «arraias miudas», mas sim de pesquisar na materia escrava o que a redime e exalta, com a perpetuação moral do estorço criador e do sacrificio santificante. Quando um povo esquece a lição dos seus maiores e se propõe fazer taboa raza dos exemplos memoraveis, lança-se em perigosa aventura que, tarde ou cedo, o ha-de conduzir á expiação.

Quanto não sofremos nós já, por haveremos despresado a verdade que salva pelo erro que mata!

Parece-nos que o momento é oportuno para procedermos a rigoroso exame de consciencia:

— Devemos entender o passado para declinarmos as nossas culpas ou para delas nos corrigirmos?

Do trabalho oferecido aos mestres e aos alunos por Alfredo Pimenta ha muito que dizer — concordando ou divergindo. Logo que se nos ofereça oportunidade para isso, consagrar-lhe-emos a atenção que merece. Quem tem o amor das cousas nobres e o culto das glorias nacionais, encontrará, nas paginas do *Diário de Lisboa*, campo aberto para bordar as considerações que a sua leitura sugere.

A discussão serena e urbana permite que as ideias triunfem, sem afronta para ninguém. De resto, importa muito lembrarmos-nos de que a nossa historia é tão vasta e majestosa que não existe possibilidade de a reduzir a um debate entre duas patuleias ou duas janelas palreiras.

NOS jornais parisienses vai grande polemica acerca deste problema grave: Deve ou não ir-se vestido de «smoking» ao teatro?

Para uns é imprescindível o uso da camisa engomada para bem se compreender uma peça de teatro. Para outros constitui tal trabalho motivo suficiente para ficar em casa e ouvir, em chinelos, a musica da «radio».

Cécile Sorel entende que os homens para a aplaudirem se devem pôr a tom com a sua elegancia de vestir; Tristan Bernard leva o seu humorismo ao ponto de achar que a solenidade deve atingir o uso do calção e meia e o de todas as possiveis condecorações; e Madeleine Renaud é do parecer de que nesta epoca de vida dura se não pode perder o tempo em vestir, mais duma vez ao dia, como se fazia quando a vida aconselhava a matar o tempo.

Em Portugal já o problema está resolvido pelo snobismo indigena: quando a companhia teatral é portuguesa, por melhor que seja, toda a roupa serve; mas, para «troupes» estrangeiras, por piores que sejam, é indispensavel o «smoking».

★ ★ ★

TRATA-SE de trabalhos levados a cabo por dois sabios ingleses, sr. Peter Michell e o major Flower. Procuraram estudar a longevidade de alguns animais, e chegaram, após minuciosas devassas, a algumas conclusões. As tartarugas podem atingir um seculo, e mesmo dois; uma, já «antiga», ainda viveu 96 anos sobre o seu passado. Alguns peixes podem atingir 60 anos. O elefante chega a 50, o rinoceronte a 45, o hipopotamo a 40, o cavalo a 40, o urso e o macaco a 35, o gato a 30, a girafa a 30. Um gato com trinta anos deve ser milagre. Mas, enfim, aqueles sabios dizem que a idade das aves seria muito, mas que um papagaio pode chegar a 105 anos, e um canario e um rouxinol a 25.

Os leões vivem mais no cativeiro do que na selva, porque não trabalham para comer. Quanto ao homem, os srs. Flower e Michell não se pronunciam. Os «outros» homens podem chegar a 120 anos; tem-se visto. Nós, não.

★ ★ ★

FOI publicado o decreto que designa a constituição heraldica das armas da Camara Municipal de Santa Comba: armas — de azul, com dois ramos de oliveira em ouro, frutados do mesmo e cruzados em ponta. Em chefe, uma pomba estendida de prata, sancada, bicada, e com vista de vermelho, acompanhada de dois cachos de uvas de ouro.

★ ★ ★

A FOLHA oficial publica hoje os despachos colocando como ministros plenipotenciarios, em Bruxelas e em Roma, respectivamente, os srs. drs. Augusto de Castro e José Lobo de Avila Lima.

TEATROS E CINEMAS

D. Mirita Casimiro de Almeida

A gentilíssima filha do artista José Casimiro de Almeida, D. Mirita Casimiro de Almeida a que, há dias, fizemos referência nestas colunas, e sobre cuja personalidade paira já um ambiente de interesse invulgaríssimo no nosso meio, faz a sua estreia no teatro, amanhã, nas duas sessões do Maria Vitoria, em quadros especiais para a sua realização, nos dois actos da revista «Viva a Folia!» que surgirá igualmente remodelada e ampliada. Em cena própria e em dois momentos da referida revista, D. Mirita Casimiro de Almeida, que é uma radiosa mocidade, cheia de talento e de meritos realísticos, será apresentada ao publico no seu encantador e inedito repertorio de «Canções Populares da Beira», cantando no 2.º acto, de maneira nova—a sua maneira—O Fado português, acompanhada por guitarristas. Amanhã se estreiam também em «Viva a Folia!» o actor Alvaro de Almeida, em três números novos e a parelha de bailarinos internacionais «Zinaray et Moniela», que vêm precedidos de grande reclame dos principais teatros europeus e americanos.

«A vizinha do lado», no Avenida

Produziu o maior interesse e a mais viva ansiedade no publico a noticia, hoje vinda a lume, da estreia, no Avenida, na proxima segunda-feira 7, da celebre comedia de André Brun, «A vizinha do lado», que, entre a sua obra de teatro notabilissima, é precisamente aquela que mereceu sempre a maior consagração. A sua reposição impunha-se e essa honra vai ter-a a companhia Maria Matos, a quem foi confiada, tanto mais que esta eminente artista foi uma das suas criadoras, e quando da sua estreia, há anos, no velho Gimnasio, interpretando o mesmo papel em que vamos vê-la agora, a impagável «D. Adelaide», que é uma criação sublime. A seu lado, o grande actor José Alves da Cunha vai interpretar, pela primeira vez, o personagem comico de «Plácido Mesquita», interpretando os restantes figuras da hilariante e comicissima peça, os artistas:

Maria Helena, Adelina Campos, Berta de Bivar, Laura Fernandes, Cezaria Henriques, Maria de Oliveira, Abilio Alves, Antonio Palma, Mendonça de Carvalho, José Monteiro e José Azambuja

Atrás do reposteiro

No Variedades comemora-se esta noite um grande acontecimento teatral, numa magnifica e justissima festa de homenagem ao mestre insigne Eduardo Schwalbach. É a 15.ª noite de cartaz da sua lindissima e popular opereta «O Chico das Pegas», neste remonte que acaba de ser um dos maiores exitos da temporada de Lisboa. Eduardo Schwalbach, espirito sempre moço, figura dominadora da literatura dramatica portuguesa, terá, esta noite, a rodea-lo e a aplaudir-lo não apenas os seus amigos e admiradores, mas o publico e os proprios interpretes desta obra encantadora de verdade, primorosa, portuguesa, graciosissima e modelar no seu genero.

—Desistiu do contrato para que fôra convidada para um teatro popular a actriz Margarida de Almeida, que por esse motivo não figura em qualquer elenco artistico.

—Nos teatros da Empresa José Loureiro, Trindade e Avenida, realizam-se hoje espectaculos inteiros, ás 21 horas e meia, no primeiro com a comedia «Uma mulher de negocios», com Irene Izidro, Vasco Santana e Assis Pacheco e no segundo com a antepenultima representação da comedia «O Alfinete», que se despide no proximo domingo, á noite.

—Ainda ontem se apresentaram dois numeros novos de grande sucesso no Coliseu, o «Olha!...» por Ema de Oliveira e «O Fado Novo» por Ercilia Costa e já hoje ali se verifica mais outra sensacional estreia—a dos celebres bailados internacionais Ray Bel and Lepnor Masen.

—O trabalho de Palmira Bastos, na peça «Sol Poente», de Ramada Curto, em cena no Nacional, continua a merecer os mais calorosos aplausos por parte do publico.

«Escandalos romanos»

Eddie Cantor não precisou de produzir em quantidade para revelar a sua qualidade de artista excepcional. Dois ou três filmes, apresentados com intervalos relativamente grandes, bastaram para afirmar o seu prodigioso valor.

Hoje o publico, quando vê no cartaz o nome do famoso actor acorre a vê-lo e a ouvi-lo, com entusiasmo. Não admira, por-

«Uma mulher de negocios», no Trindade

Até onde vai a liberdade dos adaptadores e arranjadores de peças estrangeiras? Será permitido aproveitar a obra de outrem e transformá-la de tal forma que nem os autores a reconheceriam? É lícito ampliar a intervenção de certos personagens, e traduzir o espirito francês, ou a graça espanhola, por chalacha portuguesa, e alterar o equilibrio original e cortar ou aumentar o que outros criaram?

Estas duvidas, que um congresso de autores devia esclarecer, não são movidas apenas pelo caso presente da peça agora representada no Trindade, mas sim pelos casos frequentes de muitas adaptações e arranjos que surgem em varios dos nossos teatros. Quanto á peça de agora, e dando por permitidas todas as liberdades dos arranjadores, cabe extranhar que estes, com liberdade bastante para fazerem aparecer no 1.º acto um personagem que os autores guardaram para o 2.º, não se tivessem permitido também a liberdade de fundir estes dois actos num unico que equilibraria o arranjo, equilibrando-se com o 3.º que é o melhor. Para contra-partida destes comentarios que se nos afiguram convenientes, foçamos com a possibilidade de reconhecer que Felix Bermudes, Agostão Barbosa e Abreu Sousa foram felizes numa das modificações introduzidas na obra do admiravel humorista Tristan Bernard e do seu colaborador Max Maurey: a entrada de «Gablín» no 1.º acto está justificada na ligação com o 2.º, bem e habilmente con-

tanto, que ontem se enchessem as salas de três cinemas—Odeon, Palacio e Politeama—onde foi simultaneamente apresentada a sua ultima produção: «Escandalos Romanos».

Suponha-se Eddie Cantor, com o seu humorismo sadio, o seu jogo fisionomico inconfundivel, as suas canções juvenis, enfim, transportado, por mero efeito de sonho, á antiguidade romana, e facilmente se poderá calcular que serie de situações comicas ele cria na sua passagem pela corte do Imperador Valerio!

Sem cair nos exageros ridiculos, que se justificariam até certo ponto, Frank Tuttle conseguiu realizar um trabalho de alta comoidade, em que a actuação magistral de Cantor se harmoniza perfeitamente com o sentido musical da obra e com a sua, por vezes, espectacular apresentação.

Como nos restantes trabalhos de Eddie, «Escandalos Romanos» apresenta-nos varios quadros de revista monumental em que se ouvem algumas vozes encantadoras e desfilam, em alegre parada, grupos de frescas belezas femininas.

O filme termina por uma corrida de carros romanos, que chega a despertar emoção e que só a presença de Eddie consegue transformar numa fabrica de sãs gargalhadas.

Do complemento do programa, que é todo feliz, deve, contudo, destacar-se um belo filme de desenhos coloridos de Walt Disney «O Pai Natal!»—M. N.

«O Grande Naufragio»

Na proxima segunda-feira estreia-se, no Central Cinema, um dos melhores filmes da temporada. Trata-se do celebre filme «O Grande Naufragio», uma das obras mais profundamente emotivas que o cinema tem produzido, e através da qual, numa poderosa sugestão de espectáculo perfeito, se glorifica a arte das imagens. Toda a sua consecução, fortemente impressiva e sulcada de denso interesse, vai apaixonar o publico.

Teatro Nacional

HOJE — A's 21 e 30 — HOJE
e todas as noites

Acentua-se cada vez mais o exito da extraordinaria peça de RAMADA CURTO

Sol Poente

com um notabilissimo
conjunto de interpretação

Palmira Bastos

numa enorme criação

Olimpia Club

MERCEDES VILLANOVA

HOJE, NOVAS CANÇÕES

duzida. E em Vasco Santana tiveram todos um optimo colaborador. O inteligente actor, fadado para melhores destinos que os de roligo «bambino» com pernas ao léu, apresentou ontem com tal honestidade e certeza de pormenores, tão magnificamente humano, e ao mesmo tempo com tanta graça, que nos fez recordar o grande Chaby—exponente proporcionado para ele.

Outra artista jovem e estudiosa aparece em primeiro plano, na protagonista, Uma mulher de negocios, Irene Izidro, esperança que surgiu ao lado de Lucilla Simões e que apesar de tudo, das alterações do texto e da extensão do «papel», defendeu com brio uma figura difficil que se mantém em cena durante quasi toda a peça e que, alternadamente, tem que nos dar a dor da perda do noivo, a alegria de herdar uma fortuna, a satisfação de a receber sem vergonha e de poder reconstituir a sua felicidade. E o terceto juvenil é completado pelo excelente actor Assis Pacheco, num pal perdulario mas nobre, grande elegancia de maneiras e de indumentaria. Amélia Pereira fez uma velha governante, Filomena Lima uma intriguista soberanamente antipatica e dominadora, e Leonor de Ega e Lucia Mariani dois pequenos «papeis» Gil Ferreira, Alberto Ghira, Luiz Filipe, Lino Ribeiro, Barroso Lopes e Seixas Pereira marcaram as suas posições profissionais sob a batuta sábia de mestre Antonio Pinheiro.

R. P.

blico, que não regateará louvores a Walter Connolly, Robert Young e Doris Kenyon por



terem, com tanto talento, erguido um filme de tam fulgurante plasticização dramatica.

Actualidades

Uma idéa interessante: A British Movietone News reuniu num filme todas as actualidades de maior destaque ocorridos durante o ano de 1934.

—Louis Lumière, o avô do cinema, receberá no proximo dia 20, em Lille, a medalha de ouro que a Sociedade Industrial do Norte e Fundação Kuhlman oferecem aos grandes inventores e sabios.

—Filmes Luiz Machado» adquiriu o direito exclusivo para Portugal da produção inglesa «O Duque de Ferro».

—A ultima criação colorida de Walt Disney, intitula-se «La Deesse du Printemps».

O ESPUMOSO Tagide E SUPERIOR

MARIA VICTORIA

HOJE: — As ultimas na primeira fase da **Viva a Folia!**
AMANHÃ: — A nova forma de **Viva a Folia!** com o grande acontecimento da estreia neste teatro de D. Mirita Casimiro de Almeida nas suas CANÇÕES REGIONAIS DA BEIRA e nos seus FADOS

Reaparição do actor comico Alvaro de Almeida
Estreia da parelha de baile internacional Zinaray et Moniela

PROGRAMAS DE HOJE
S. LUIZ TELEF. 27172
Noites Moscovitas
com Annabella, Harry Bauer, Spinelly e Richard-Pierre Willem
A's 21 e 30

CENTRAL Telef. 24381
Amor em uniforme
com Harry Liedtke, Bly Ro Pauloss Heidemann
A's 21 e 30

CONDES TELEF. 22523
OS THÉNARDIERS
2.ª jornada de **OS MISERABLES**
A's 21 e 15

ODEON Telef. 26283
Escandalos Romanos
com Eddie Cantor
A's 21 e 15

PALACIO Telef. 47163
e as famosas 200
«Goldyn Girls»
A's 21 e 30

POLITEAMA Telef. 2 6365
Escandalos Romanos
com EDDIE CANTOR e as famosas 200 «Goldyn Girls»
A's 21 e 30

PARIS Tel. 2 8777
D. JOAO A's 8 e 45
PIRATAS DE XANGAI
Matinées ás 3.ª sab. e dom. ás 15

CAPITOLIO Transatlantico de luxo
O seu ultimo pecado (Synare) e o Casamento do Duque de Kent
Bilhetes desde \$560

TERRASSE O capitão dos Cosacos
Não ha amor como o segundo
As 21 e 15 Telef. 20917

LYS Telef. 4 8560
O capitão dos Cosacos
Não ha amor como o segundo
As 21 e 15

ROYAL A's 21 e 45
Telef. 4 5037
AS DUAS ORFÃS
FALSA ACUSÇÃO

JARDIM CINEMA A's 20,45
CORTESA, com Greta Garbo
Amante improvisado

APOLO Todas as noites
Duas sessões
A's 8,30 e 10,45 h.
A REVISTA DAS GRANDES MULTIDÕES
Zé dos Pacatos
com bilhetes vendidos para 10 dias
DOMINGO — 6
Matinée—A's 3 1/2 horas
Duas sessões—A's 8,30 e 10,45 horas

AVENIDA
HOJE-AMANHÃ ULTIMAS
e DOMINGO, 6
da comedia de grande exito de gargalhada
O ALFINETE
Segunda-feira, 7:
Estreia neste teatro da celebre comedia de
ANDRÉ BRUN
A VISINHA DO LADO
com
Maria Matos na «D. Adelaide»
Alves da Cunha no «Plácido Mesquita»

TRINDADE
Hoje—A's 9 1/2 horas
Uma
mulher de negocios
Engraçada comedia em 3 actos, para familias
com
Irene Izidro, Vasco Santana
e Assis Pacheco
em 3 admiraveis papeis

VARIEDADES HOJE — Duas sessões
♦♦ 8,30 e 10,45 ♦♦
Recita de homenagem
A O MESTRE
EDUARDO SCHWALBACH
Autor insigne da opereta popular e baírrista
O Chico das Pegas

O «Diário de Lisboa» vende-se no Estoril—Caminho de ferro

Cultura cinematográfica

Filmes recomendados pelo Diário de Lisboa

Que filme lhes recomendamos esta semana? Por nossa vontade, recomendávamos-lhes um filme que já não vai: *Alice no País das Fadas*. Mas como nos temos que contentar com a prata da casa, que é como quem diz com os filmes ainda em exibição, damos-lhes a escolher entre a *Roma dos Cesares* e a *Rússia dos Tzars*, a primeira duplamente representada por *Cleópatra* e *Escândalos Romanos* (tragedia ou farsa, ao gosto do freguez), a segunda por *Noites Moscovitas*.

Não nos atrevemos a passar em silêncio qualquer deles: primeiro, porque seria injusto; segundo, porque, ainda que nos assistissem solidas razões cinematográficas, nos arriscaríamos a privar qualquer leitor mais sugestível ou mais económico dum espectáculo que certamente o entretém.

E' verdade que em Cecil B. de Mille admiramos unicamente o pioneiro da *Marca de Fogo* (a celeberrima *Forfaiture*, que revelou Sessue Hayakawa e as possibilidades do fotodrama), o artista revolucionário que só não transigiu com o novo-riquismo do pós-guerra até ao *Barqueiro do Volga*, de tão accidentada carreira em Portugal. Não nos seduz o estilo «bombeiral» (não pretendemos ofender a meritória corporação, mas simplesmente traduzir o melhor possível o francesíssimo *pompier*), a grandiloquência evangélica, a megalomania decorativa, que transforma os seus filmes em sermões ilustrados. Mas ha que reconhecer-lhe certo equilíbrio dentro da sumptuosidade, e muita competência dentro do mau-gosto.

Cleópatra, que em tudo obedece á receita habitual de Cecil B. de Mille, peca mais do que os seus últimos filmes por artificialismo evidente, com autenticos quadros de revista, com *girls* e tudo, metidos (habilmente) nos momentos em que não é possível assistir ás manobras politico-amorosas da famosa «faraona» («rainha» parece-nos fraco feminino de «faraó»). Mas tem sobre eles a vantagem de não pretender converter ninguém, a golpes de «realização», ao credo do realizador, o que é enorme!

Assistimos assim ao desenrolar sumptuoso dos episódios celebres — servidos com molho á americana, como a lagosta. E' claro que, em *Cleópatra*, como em todo o filme Cecil B. de Mille que se presa, ha um milagre: os generais romanos não respondem O. K. a Marco Antonio, e nenhum centurião chama: *boss* a Julio Cesar!

E' certo que, conforme dissemos na nossa ultima pagina (por sinal sob a égide de Caliope, musa da eloquencia e da poesia he-

Roma, Russia e Wonderland

roica, quando a verdade é que nos referiamos á musa da historia, a bela Clío!) achamos perfeitamente legitimo e até aconselhavel transpor em caracteres modernos os conflitos da antiguidade. Mas, para isso, é indispensavel dar a toda a obra uma atmosfera especial, em que a decoração, o guarda-roupa e os adereços não tenham aquele ar pretensa e pretenciosamente autentico que tomam nos filmes de Cecil B. de Mille.

Muitas imagens são excelentes: logo no inicio, a corrida dos carros egipcios pelo deserto; a melo, o magestoso *travelling* que, bem alternado com uma linda maquette, nos dá a partida da galera real; no fim, depois duma batalha confusa, á la Sternberg, com optimo material estragado por sobreposições, a bela attitude do tribuno apaixonado, sózinho, no alto da muralha, com as legiões a rir á porta do palacio; e ainda a entrada de Julio Cesar no Senado romano.

Os interpretes são de boa qualidade. Claudette Colbert, muito longe do que foi em *Uma noite, aconteceu...*, deve ter sofrido principalmente da falsidade da personagem de Julio Cesar. Henry Wilcoxon, magnífico perdido contudo em sedução. Warren William «fez» a cabeça — mas não a personalidade de Julio Cesar. Henry Wilcoxon, magnífico animal, impôs-se — como dizê-lo?

tarzanicamente, em Marco Antonio. Aubrey Smith pôs as mesmíssimas barbas que ostentava na *Rainha Cristina*, o que nos perturbou a vista e o figado para apreciar livremente o seu trabalho.

★ ★ ★

A acção principal de *Escândalos Romanos* também decorre na antiga Roma. Aqui, estamos francamente no dominio do comico, da fantasia pura, logicamente defendida pelo argumento, pois se trata dum sonho de que é proprietario um guarda de museu. O guarda de museu é Eddie Cantor — e isso diz do clima em que decorrem as peripecias do filme.

Eddie Cantor é actualmente o maior fantasta do écran. Conscienciosamente doído, não atinge aquele grau de loucura varrida que caracteriza os manos Marx. E' um comico humano; espécime particularissimo da humanidade, mas que faz parte dela, indiscutivelmente, o passo que os Marx nasceram noutro planeta, Saturno ou Marte, não se sabe bem. Quando muito, pode dizer-se que Eddie Cantor caiu da Lua. E' o unico comico que assenta toda a sua politica na inteligencia. E' desconcertante, mas não é estúpido; é maluco mas não é parvo. Nunca especula com a miséria, com a decadência, com a inocência, no sentido chaplinesco do termo. Mesmo quando arma, como em *Escândalos Romanos*, em protector

das gentes desvalidas, é para lhes cantar, passeando por cima das mesas.

Vamos fazer uma casa
Que tenha por teto o céu...

Escândalos Romanos não é o melhor filme de Eddie Cantor. Nitidamente inferior a *Toureiro á força* — e mesmo a *Festas Felizes*, filme em que Cantor nos apparecia, como disse um bom observador, «ainda por domesticar» — reúne porém o numero sufficiente de *gags* e de raparigas bonitas para poder alinhar sem desdouro na sua galeria. Rimo-nos bastante, sempre com gosto, mesmo quando Eddie Cantor cumpre religiosamente a promessa que fez de enfiar a cara em todos os filmes, a fingir que é preto. Mas o dialogo é menos feliz, a encenação menos aparatosa, a tecnica menos brilhante — excepção feita á corrida de quadrigas final, soberbamente filmada.

Cont'ur — outro belo espectáculo a recomendar.

★ ★ ★

— *Noites Moscovitas* — dizia-nos um empresario intelligente — é um filme *made expressly for...* agradar ao publico.

Não ha duvida. Mas isso é, desde logo, uma esplendida referencia, sabido como é que ao publico já não agradam filmes manifestamente inferiores. Claro que não reclama superioridade! Também, se reclamasse, estava servido, porque só lhe agradariam dois ou três filmes por ano. E «era um pau», como se diz na Academia.

O pior de *Noites Moscovitas* é, com certeza, o livro que o sr. Pierre Benoit escreveu de proposito para dele se extrair o filme. O melhor — é Henry Baur.

Ora aqui está um dos tais «actores», que não são «actores de cinema» — e que só é pena que no cinema não haja mais! Da linhagem dos Jannings, dos Beery, dos Barrymore, dos Laughton, Henry Baur excede-os talvez por uma especie de concentração do poder emotivo, o que o conduz a uma sobriedade modelar, sem que o seu rosto, os seus gestos e a sua voz deixem escapar a mais infima tonalidade do papel que interpreta. Imponente de aspecto, vimos-lo agora a braços com três personagens formidaveis, que se desdobram em cinco: Jean Valjean (no seu triplice aspecto de Jean Valjean, «Monsieur Madeleine» e «Fauchelevent»), Champmathieu e Buriokov.

As duas primeiras, nos *Miseráveis*; a ul-

(Ver continuação na 6.ª pagina)

Turandot, Princesa da China



«Turandot era uma princesa cruel que degolava todos os seus pretendentes que não eram capazes de responder ás adivinhas que propunha. E as cabeças eram expostas nas muralhas da cidade...». Assim começa a lenda maravilhosa que Thea von Harbou escreveu para a Ufa, e que a Agencia H. da Costa vai apresentar brevemente, interpretada por Käthe von Nagy e Pierre Blanchard.

Electro-Reclamo, Limitada

E. R. L.

(A marca de garantia)

Reclamos luminosos em todos os generos.
Publicidade em aluguer e em venda firme, de anuncios em tubos luminescentes «NEOLUX» (com garantia).
Orçamentos e «maquettes» gratis.—Consultem a n.º casa.

Escritorios, oficinas e armazens

Rua da Mãe d'Água, 30 a 34

(Edificio Proprio)

LISBOA

Telefone 25383—P. A. B. X.

Agencia no Norte

Eng. João F. M. Gouveia

Rua Elísio de Melo, 28

PORTO

Telefone 5969

E' a nova firma
FILMES LUIZ MACHADO
que apresenta

NOITES
MOSCOVITAS

o grande filme que
enfusiasma o pu-
blico do

São Luiz

e em que o grande
actor

HENRY BAUR
tem a sua mais forte
criação, ao lado de
ANNABELLA

A
S U S

(Sociedade Universal
de Super-Filmes, L.ª)

apresenta brevemente

IDADE PERIGOSA

(Romantic Age)

com ELISSA LANDI

O 9.º CONVIDADO

(The 1th Guest)

com GENEVIEVE TOBIN

O ROSARIO QUEBRADO

(The Broken Rosary)

com JEAN ADRIENNE

O BANHO DE SUZANA

(There goes Susie)

com GENE GERRARD

MORREU O PRETINHO AUGUSTO

que foi o enlêvo das damas
na Exposição Colonial do Porto

Por uma notícia chegada do Porto, e de que se fez eco hoje o nosso colega «O Seculo», sabe-se que adoeceu na viagem de regresso à Guiné, para onde seguia com os pais e com a restante pretalhada, o pequeno Augusto, o simpático negrito Bijagós, que toda a gente que viu a Exposição Colonial do Porto conheceu.

Recebeu essa noticia o sr. Moreira da Silva, floricultor na capital do Norte, e outras pessoas escreveram da Guiné a comunicar o facto.



O «príncipe» Abdula filho do chefe Mamadu Sissé, grande da Guiné—ambos estiveram também na Exposição— a um seu amigo comunicando que os pretos tinham chegado bem à sua terra da Guiné, mas «muito tristes» pela morte do pequeno Augusto.

O pequeno foi vítima de uma enterite, e morreu dois dias depois de o barco que conduzia os negros em regresso à Guiné ter saído da Madeira.

Augusto—o pretinho enlevo casto da representação das raças africanas na Exposição Colonial—tinha cerca de três anos de idade. Dentro das características da sua raça era bem constituído, de um negro retinto, vivo, esportivo, com manifesta tendência a civilizar-se, pois, naturalmente, não possuía ainda os hábitos arreigados dos negros.

Seus pais eram os negros da raça bijagós, da Guiné, Augusto Baka e Maria Pató, ambos bem constituídos fisicamente, embora moralmente um tanto equivocados.

O pai Baka veio para fazer demonstrações de luta, em que todas as raças da Guiné são exímias. Um outro negro, lutador como ele, o «Papê», morreu no Porto—único obito registado—e a direcção da Exposição proibiu então as exhibições, pois o Augusto Baka, apesar de forte, também não funcionava bem do coração. O Baka, apesar de ter outra mulher e filhos na Guiné, era ciumento e violento, e na aldeia do Lago, na Exposição do Porto, onde estavam os bijagós, houve por vezes grossa pancadaria, originada pelas constantes infidelidades da mulher, a Maria Pató.

O pequenito Augusto, indiferente a tudo, andava de mão em mão, mas os

medicos da Exposição não o perdiam de vista, pois o garoto enchia-se de gulodices, comia quanto lhe davam, e só por ser robusto resistia aos males de intestinos.

E' natural que a bordo, sem fiscalização constante, e entregue ao descuido dos negros ignorantes do que convém à saúde das crianças, o Augusto continuasse a comer o que lhe ofereciam, e a compartilhar da alimentação dos outros pretos adultos, certamente pouco indicada para o pequeno.

A passagem pela civilização tê-lo-ia, talvez, tornado mais melindroso; a estadia na Madeira talvez tivesse agravado o mal de que deu início logo que saiu de Lisboa.

Que a morte do simpático Augusto causou pesar nos outros pretos grandes di-lo a carta do «príncipe» Abdula, e admite-se, sem esforço, apesar da indiferença com que os negros encaram a morte.

Mas onde o Augustinho deixou saudades, e onde a sua morte deve ter causado pena, foi na Metropole, no Porto, sobretudo, onde o miúdo bijagós chegou a ser um «tipo» da Exposição, dos raros negros—que não deixa-



O preto Augusto, que está aqui ao colo de Amelia Rey Colaço, era a «mascotte» viva da Exposição Colonial

ram de si historias e noticias equivocadas. Foi devido a ele que os pais—o Baka e a Pató—arrecadaram três contos de gorjetas, pois a criança era a nota ingenua e inocente das aldeias indígenas.

Repousa no fundo do mar a «mascotte» da Exposição. A alminha branca da colonia negra.

CRIDA GATUNA

Queixou-se a P. I. C. a sr.ª D. Clara de Oliveira, rua Carvalho Araújo, 11, 1.º, de que, tendo admitido ao seu serviço como criada Maria Fernandes, que também usa o nome de Alice da Conceição, esta, depois de estar quatro dias ao serviço, abandonou a casa, furtando um verdadeiro enxoval.

Encarregado de investigar, o agente Faísca foi encontrar a ladra dentro da igreja do Socorro vestida com certo luxo. Transportava uma mala onde se encontrava todo o roubo.

Interrogada, declarou que estava ali a pedir perdão à Senhora dos Aflitos e a fazer as suas orações para que a Polícia não a descobrisse.

Leiam as quintas-feiras o jornal humorístico «SEMPRE FIXE»

ASSISTENCIA INFANTIL

Decorreu com brilho a festa da Arvore do Natal que hoje de tarde se realizou no salão nobre do Patronato de S. Sebastião da Pedreira, organizada pela União Noelista.

Sob a presidência do sr. Cardial Patriarca, que às 15 horas ali chegou na companhia do sr. dr. Carneiro Mesquita, deu-se início à festa.

Pelas senhoras que constituem a direcção da União Noelista foram distribuídos agasalhos e brinquedos às crianças pobres das freguesias da Encarnação, Martires, Anjos, Estrela e S. Mamede pertencentes àquella organização.

A estas crianças, em numero de 200, foi ainda distribuído um lanche. Seguiu-se uma sessão cinematográfica.

UMA OBRA NOTAVEL

Está publicado o 1.º volume
da reedição da «Lisboa Antiga»

A Camara Municipal de Lisboa, por iniciativa do sr. Luiz Pastor de Macedo, resolveu lançar no mercado uma nova edição da *Lisboa Antiga*, de Julio Castilho, obra monumental que se encontrava esgotada.

Foi encarregado de dirigir essa reedição o engenheiro sr. Vieira da Silva, mestre eminente, que para a valorização da *Lisboa Antiga* aproveitou materiais do grande e benemerito Julio de Castilho.

O primeiro volume da reedição valiosissima foi hoje posto à venda, em apresentação modelar, e a preço «acessível a todos os lisboetas» — 6\$50 — como é do generoso plano camarario.

A primeira edição é de 1879, e desdobrou-se em mais cinco volumes (1902-1904).

★ ★ ★

O primeiro volume de *Lisboa Antiga* contém dois livros, como é sabido, e trata dos primeiros tempos de Lisboa, de «Alisubbo — Olisipo», e dos barbaços, moiros, Lissibona ou Aschbounah.

A competência de revedor e anotador do sr. Vieira da Silva é indiscutível. Esta nova edição municipal realiza extraordinariamente a obra.

No capitulo I inclui-se materia nova e notas sobre a região de Lisboa e os tempos prehistoricos. No capitulo II ha novas notas e noticias de Vieira da Silva.

Todo o primeiro livro (primeira parte deste volume) é enriquecido por gravuras, notas, revisões de redacção e apontamentos. Ha um capitulo novo «mais inscrições romanas de Lisboa» e que pertence a Julio Castilho.

O livro 2.º vai até ao meio seguindo, quasi passo a passo, a edição primitiva, mas o capitulo V — Muros de Lisboa — é já muito valorizado.

Aparecem dois capitulos novos — importantissimos, e que por si só recomendam esta reedição camararia — e que se referem quasi exclusivamente ás muralhas, portas e cerca de Lisboa.

Pode afirmar-se que a parte final deste 1.º volume da *Lisboa Antiga* oferece um interesse inteiramente novo.

Obra de probidade erudita, de indiscutível merito historico, interesse bibliografico, e bom sentido cultural — e demais a mais a baixo preço, apesar de a edição ser graficamente valiosa — a *Lisboa Antiga*, de Julio Castilho, revista e ampliada pelo engenheiro Vieira da Silva, corresponde inteiramente á louvavel iniciativa do pelouro cultural da Camara, á frente do qual se encontra o sr. Luiz Pastor de Macedo, e vai constituir um exito de livraria.

A Empresa Nacional de Publicidade, rua do Mundo, (*Diario de Noticias*), é a depositaria da importante publicação, que saiu das oficinas graficas da Camara Municipal de Lisboa.

FEIRA-MODELO EM CASCAIS

Amanhã, sabado, 5, ás 21 horas, e domingo, 6, ás 15 horas, estará aberta o publico a Feira-Modelo organizada pela Comissão de Propaganda de Cascais e enriquecida com uma exposição de pinturas e aguarelas de duas distintas artistas inglesas que por esta forma quizeram demonstrar a sua grande simpatia pela Comissão de Propaganda, embora não habitem no concelho de Cascais.

Amanhã, 5, destaca-se desta vila ao Radio-Club Português, da Parede, um grupo de rapazes de Cascais que, ao microfone, vão radiodifundir os tradicionais cantos usados na região em vespera de Reis. Pelos três aparelhos de telefonia distribuídos pelos salões da Feira-Modelo terá o publico occasião de ouvir radiodifusão.



Prosseguiu hoje

do capitão Alm

sendo ouvidas varias te

Terminadas as ferias judiciais, continuou esta tarde, em decima primeira audiencia, o julgamento do sr. capitão aviador Almeida Pinheiro, abrindo a sessão ás 13 e 15.

O sr. tenente Faria Pais, secretario do tribunal, leu uma comunicação do governador militar de Lisboa, mantendo nos seus lugares, até final do julgamento, os srs. coronel Pires Monteiro e maior Pais Monteiro, respectivamente, presidente e vogal do tribunal.

Leu-se, a seguir, um officio do ministerio da Guerra informando que não foram encontrados os documentos pedidos pelo presidente do Tribunal Militar, por estes terem sido inutilizados em 1931.

Iniciou-se, depois, o depoimento das testemunhas de defesa. Foi ouvido, em primeiro lugar, o sr. major Luiz Gonzaga. Declarou que, em 1929, assistiu a uma discussão entre o reu e um perito, em que este dizia que os documentos a examinar faziam parte dum «expediente» do sr. capitão Almeida Pinheiro.

O sr. tenente-coronel Tamagnini Barbosa:

— Que impressão lhe ficou dessa discussão?

— Nenhuma.

O sr. dr. Lorena Santos exclama: — Esse senhor perito não tardou muito a ser substituído no seu lugar.

O sr. capitão Faria Pereira disse que não se recordava dos factos e limitou-se a confirmar o seu depoimento prestado no processo.

O sr. tenente aviador Manuel Gouveia relatou ao tribunal qual era o material que veio para Portugal em 1919, 1920, 1921 e 1922. A uma instancia do promotor, a testemunha disse que o «raid» a Macau, no qual tomou parte o falecido tenente-coronel Brito Pais, foi levado a efeito num aparelho «Breguet».

O promotor:

— Tem a certeza que, de facto, era um avião «Breguet»?

A testemunha:

— Sim, senhor.

O sr. tenente-coronel Tamagnini, ouvindo o relato da testemunha acerca das aquisições de material, concluiu:

— Tem-se afirmado que, em 1922, a casa «Breguet» não forneceu material aeronautico a Portugal. A propria firma assim o declara. Houve, porém, uma testemunha que declarou o contrario; V. Ex.ª, por sua vez, vem ao tribunal corroborar a mesma doutrina. Assim, fica demonstrado, claramente, que naquele ano chegou material de aviação da marca «Breguet». E' claro que pode admitir-se que não tivesse sido a referida firma que fornecesse os aviões, mas sim algum que vendesse dos «stocks» da guerra algum material «Breguet». Deste modo, o governo pagou aparelhos novos estando eles já usados. Quem procedeu desta forma não sei, mas este caso tem de ficar esclarecido.

O sr. tenente-coronel Tamagnini Barbosa prossegue na análise destas declarações, que reputa importantes, e afirma:

— Um dos crimes mais graves imputados ao capitão Almeida Pinheiro corresponde a pena fixa—4 anos de prisão maior celular seguidos de 3 de degredo.

Ora esse crime consiste em o reu se ter locupletado com 261.559 francos destinados a pagar encomendas à casa «Breguet». O reu não fez isso, convertendo os francos em escudos que gastou. Não comprou, portanto, material aeronautico em 1922. Mas, agora, fica

RADIO EUROPA
REPARAÇÕES
T. S. F.
O LABORATORIO
mais completo do país
R. Augusta, 75, 1.º—LISBOA

No TIVOLI: Uma epopeia gloriosa!

CLEOPATRA

O maior exito de critica e de publico da temporada!

Fatos a prestações

De 15\$00 por semana, com bons forros e esmerado acabamento, só na Alfaiataria Lanas, Limitada.—Praça D. João da Camara, 4, 1.º (por cima do Café La Gare)
Em frente da estação do Rossio

O julgamento

da Pinheiro

emunhas de defesa

evidamente esclarecido que essas emunhas chegaram a Portugal, embora os aviões não fossem novos.

«Assim, a informação do sr. tenente aviador Manuel Gouveia destroi, a meu ver, a culpa a que corresponde a fixa. Alguém que transaccionava com o rei, em nome da casa «Brénet» usou facturas daquela firma, e pôde-se das encomendas de aparelhos novos feitas pelo acusado, entregando material velho—tirado dos stocks» da grande guerra.

O sr. tenente aviador Manuel Gouveia prestou varios esclarecimentos ao juiz auditor, ao advogado de defesa, ao promotor de justiça.

O sr. coronel Pereira Lourenço declarou que foi companheiro do rei nas campanhas de Africa, nomeadamente nos Camatos, onde todos os oficiais cumpriram o seu dever, numa situação critica.

O sr. dr. Lorent Santos:

—V. Ex.^a conheceu a vida que levava o capitão Almeida Pinheiro?

—Vida normal. Tinha um automovel e a mesa era sempre bem servida. Tive até a honra de ser convidado um dia para jantar com ele.

O sr. coronel Couceiro de Albuquerque abonou o bom comportamento anterior do rei e aludiu á sua acção em Africa e em França.

Depois depois o tenente-coronel aviador Duval Portugal que declarou ás perguntas da praxe:

—Sou grande amigo do rei.

O sr. dr. Lorena Santos:

—O que sabe V. Ex.^a acerca das qualidades do rei?

—Acerca das qualidades de caracter do capitão Almeida Pinheiro é escusado repisar aquilo que se tem visto, o melhor possível. Sempre muito gentil, afável, leal e sincero, o rei foi sempre um homem exemplar.

—O que sabe V. Ex.^a acerca do decastramento que mutilou o capitão Almeida Pinheiro?

—Durante a Grande Guerra, uma manhã, o aparelho tripulado pelo capitão Almeida Pinheiro, numa perda de velocidade, capotou e feriu o tripulante. Socorri-o. Acompanhei-o ao hospital, onde foi operado e depois voltou para a Escola de Aviação. Desde essa data, aumentou a nossa amizade. Nunca o abandonei nos transe mais angustiosos da sua vida. Ele, ainda, hoje, é meu amigo.

O sr. tenente-coronel Duval Portugal deu varias explicações acerca das encomendas de material de aviação.

Não estando presente, o sr. coronel Vitorino Godinho, alguns peritos, e o sr. coronel Ferreira Chaves, a audiência foi interrompida ás 14 e 40, para reabrir ás 16 horas.

Termina, amanhã, a inquirição das testemunhas de defesa, iniciando-se os debates, na segunda-feira.

Proezas de gatinhos

Foram ontem detidos, na rua Prior do Crato, Celestino Pereira Luiz, Anibal Ferreira Junior e Carlos da Conceição, por serem portadores de uma peça de sem. Interrogados no 1.º pelos agentes Robalo e Vasconcelos, declararam que a referida peça fora furtada num estabelecimento de Alcantara pertencente a José dos Santos. Os presos já têm cadastro.

Agressões a uma velhinha

Uma pobre velhinha de 70 anos, de nome Maria de Jesus Barros, rua da Fé, 49, 1.º, queixou-se na Policia contra o marido e os filhos por estes a espancarem.

Está a proceder a investigações o agente Antunes da P. I. C.

A DURLA DOS TRIGOS

Seguiram hoje para o Alentejo os agentes Tavares e Eloi, que vão continuar as investigações referentes a durla dos trigos.

O assassino imaginario

confessou hoje

que não praticou crime algum

O chefe Antonio Augusto, da P. I. C., coadjuvado pelo agente Alfredo José, voltou ontem a interrogar aquele individuo de nome Julio dos Santos Leitão, que na noite de 23 do mês findo se apresentou no Governo Civil, como noticiámos, a dizer que desejava ser preso visto ter morto junto á ponte da linha ferrea de Chelas o operario Manuel Dias Afonso, que ali appareceu trucidado.

O preso, todas as vezes que era interrogado, teimava em se declarar autor da morte do referido individuo, embora a Policia não acreditasse muito nas suas declarações.

As autoridades chegaram a ir no dia 27, com o preso, ao local onde este dizia ter morto o operario, verificando nessa altura que o Julio dos Santos Leitão não falava verdade, visto o cadaver do Manuel Afonso Dias ter apparecido num ponto muito distante daquele que o preso indicava.

Foram ouvidas varias pessoas que presenciaram a suicidio do Afonso, assim como os filhos do tresloucado.

Julio dos Santos Leitão continuava, porém, a manter as suas primitivas declarações. Ontem foi submetido a um novo interrogatorio e acabou por declarar que não tinha praticado qualquer crime, pois nem sequer conhecia o homem em questão.

O preso vai ser posto em liberdade, tanto mais que parece tratar-se de um anormal.

O Porto

pelo telefone

A lotação dos electricos

PORTO, 4.—A resolução tomada pela Camara Municipal do Porto, na sua sessão de ontem, de anular a concessão provisoria que á Carris tinha sido feita, em 30 de janeiro de 1918, para o transporte de passageiros de pé, nas coxias dos carros, vem reforçar a attitude que, ha dias, a Policia tomou de não consentir que as lotações sejam excedidas.

Assim, hoje, na praça da Liberdade, as determinações policiaes foram mais rigorosamente observadas, ainda que o chefe de Policia encarregado de as fazer respeitar o fizesse com a maxima cordura e benevolencia.

Hoje, deve a Camara Municipal comunicar, oficialmente, ás autoridades policiaes, a sua resolução, a qual, possivelmente, só começará a ser inteiramente cumprida, a partir da proxima segunda-feira, atendendo ao facto de, no domingo, se realizar o encontro de foot-ball Porto-Lisboa.

Este desafio origina sempre enorme affluencia nos carros, especialmente naquelles que servem o Estadio do Lima.

Resta ainda no entanto, saber qual será o despacho que as Industrias Electricas darão ao requerimento da Carris, no sentido de serem alteradas as lotações nos carros.

A derrocada da torre da igreja de S.^{ta} Cruz

COIMBRA, 4.—(Pelo telefone).—Uma brigada de trabalhadores emprega-se na remoção dos destroços da torre de Santa Cruz, que constituem muitos milhares de toneladas.

Esta remoção, apesar da actividade que se vai empregar, deve levar bastante tempo.

O colector ficou destruido. A agua, infiltrando-se, está a inundar a igreja de Santa Cruz.

Ficou de pé uma parede do castello, que ameaça, no entanto, ruina.

No momento da derrocada da torre, as linhas dos carros electricos, que se encontram em frente, elevaram-se a mais de um metro.

Os trabalhos da remoção dos destroços estão a ser dirigidos pelo engenheiro Alvaro David.

A opinião do aviador naval

1.º tenente Gomes Namorado

acêrca da projectada viagem Lisboa-Rio de Janeiro

Como foi noticiado, o governo autorizou a viagem aérea Lisboa-Rio de Janeiro que os distintos aviadores capitão Carlos de Macedo e Carlos Eduardo Bleck tencionam realizar, num tempo «record», em meados de fevereiro.

A proposito dessa interessante e audaciosa tentativa, recebemos um artigo do competente aviador naval sr. 1.º tenente A. Gomes Namorado, que publicamos por se tratar da opinião dum tecnico, que é discutivel, mas cuja autoridade não pode ser posta em duvida.

Já dissémos o que pensamos sobre este momentoso assunto: entendemos que os dois aviadores devem seguir o seu caminho, com o apoio do governo e da nação. A aviação queixa-se, e fundamente, de que carece de recursos bastantes para se desenvolver e corresponder á sua missão. O remedio não deve estar longe.

Mas mesmo que assim não fosse, representaria qualquer coisa de proveitosa e facto para o progresso aviaçional que os srs. capitão Costa Macedo e Carlos Eduardo Bleck desistissem do seu intento, empregando-se o dinheiro em utilidades immediatas?

Muito comeseinho seria o problema a resolver, se dependesse de «parcelas» desta especie. Urge manter o rasgo e o espirito de iniciativa que constituem as qualidades positivas do aviador. A travessia aerea até o Brasil parece-nos que, sob tal aspecto, está na ordem das coisas que nos interessam e nos incitam a fazer melhor.

O sr. 1.º tenente Gomes Namorado fala como apaixonado da sua arma, tão necessaria para as comunicações com as colonias—tanto na paz como na guerra. Não lhe falta razão, carradas dela, mas é a propria razão que lhe assiste que, na hora da partida dos aviadores, ou antes disso, lhe converterá as restrições de hoje em aplausos calorosos.

Viagens como esta, isoladas, fazem-nas frequentemente pilotos de varias nações, ou como «sport», á sua custa, ou como propaganda de material, neste caso subsidiados pelas casas construtoras.

Não se queira compara-la, nos seus resultados, ás viagens ligando Londres ao Cabo ou á India e Australia. O Imperio britânico, como agrupamento de nações, precisa absolutamente de ter asseguradas as comunicações acima indicadas e para isso tem preparadas as linhas de «etapes» e facilita e incita o maior numero de pilotos a percorrê-las.

A segurança destas comunicações, sob o ponto de vista aeronautico, tem para ela a importancia correspondente á das comunicações maritimas.

Esquadrilhas militares, de terra e de mar, percorrem frequentemente estas linhas, e muitas vezes a sua transferencia se faz pelo ar, aproveitando-a para realizar exercicios de conjunto com as outras armas.

Bem diferente é, como se vê, o caso presente. E ainda que o Secretariado da Propaganda, sob cujo alto patrocínio se realizará a viagem, consiga, com todos os seus recursos, inflamar alguns milhares de pessoas, ele não poderá evitar que este empreendimento retome as suas proporções de caso interessante mas de onde poucas vantagens nos advirão, e estas inferiores ás centenas de contos despendidos.

Com este dinheiro duas secções, uma da Aeronautica Militar e outra da Aeronautica Naval, realizariam o estudo das ligações entre a metropole e as colonias principais. Estas viagens, sim, que teriam actual interesse nacional e internacional, comparavel ás inglesas anteriormente mencionadas, conjugando-se com os esforços de politica imperial desenvolvidos pelo governo, e sendo mais uma demonstração, para aqueles que nos lançam olhos cubicosos, do interesse que elas nos merecem e de que estamos dispostos a empregar todos os meios para as defender e valorisar.

Por mais de uma vez a Aviação Naval, e supomos a Aviação Militar, a quem exclusivamente deveriam incumbir as missões officiaes, têm procurado desenvolver a sua missão servindo o interesse nacional, mas sempre o regime de economias existente tem obstado a tais desgnios, apesar das verbas necessarias serem muito inferiores ás despesas da viagem projectada; á propria instrução se ressentia da falta de recursos de varia ordem, que parte daquela verba amplamente supria.

Estas são as razões principais que nos levam

a discordar da tentativa de ligação rapida Lisboa-Rio de Janeiro, considerando como mais uteis as viagens de duas secções militares ás nossas colonias, empregando os aparelhos em serviço, com as pequenas alterações necessarias.

Anunciada, em tempos, uma tentativa de viagem rapida Lisboa-Rio de Janeiro, a realizar pelo tenente Costa Macedo e pelo piloto Carlos Bleck, a expensas do Estado (aquisição dum aparelho especial, abastecimentos, etc.) immediatamente, como era natural, houve interesse por tal empreendimento, estudando-o na sua possibilidade de execução e nas vantagens ou ensinamentos que dela adviriam. E a conclusão foi que, a expensas do Estado, esta tentativa não deveria passar de projecto; efectivamente o silencio que pouco depois se fez parecia vir justificar esta idéa, apoiada nas seguintes considerações:

Possibilidades tecnicas—Sem sombra de duvida, esta viagem é possível, como a demonstram as multiplas travessias realizadas desde Sacadura-Gago Coutinho e Sarmiento de Beires-Castilho, quer com pequenos aparelhos, como Mollison num «Moth» de 120 cv., quer com aparelhos pesados. Semanalmente a companhia francesa Air France realiza travessias ligando a França ao Brasil em poucas horas e transportando carga; obedecendo a horarios, tanto quanto possível, as dificuldades a vencer são portanto bastante maiores.

A tentativa a realizar pelo piloto civil Carlos Bleck e tenente Costa Macedo, num aparelho especial mas já provado na travessia Londres-Melbourne, escolhendo as melhores condições de tempo dentro da época mais propicia, não traz tecnicamente nenhum ensinamento, nem para a Aeronautica ou ciencias correlativas será um novo elemento de estudo.

Inclusivamente a projectada rapidez, dependente de tantos factores estranhos á vontade dos pilotos, pode ser prejudicada, e bastam poucas horas de atraso para o tempo de travessia igualar o das linhas comerciais existentes.

Vantagens—Evidentemente que todos os empreendimentos que agitem e façam vibrar o patriotismo das enormes massas populacionais que temos dispersas por países estrangeiros, em especial no Brasil, tem resultados benéficos sob todos os pontos de vista. O maior estreitamento de relações entre as proprias nações deve ser praticado sempre que seja possível, ainda que nos tempos materialistas que decorrem não possa contar-se muito com vantagens alcançadas á sombra dos sentimentos produzidos, ainda que entusiasticos.

Justificam-se com estes e outros argumentos as visitas de navios de guerra, entre nós, infelizmente tão pouco praticadas. Mas ainda as viagens aereas podem aspirar a um fim mais lato, aumentando o prestigio internacional dum nação. Este foi o determinante das viagens das esquadras italianas sob o comando do general Balbo.

No caso presente o nosso prestigio não é aumentado, internacionalmente, porque nem a tecnica nem a realização apresentam nada de interesse mundial.

Mas uma vez iniciada, apesar de tudo, desejaremos que a «equipe», composta de pilotos que admiramos, veja completamente realizados os seus objectivos.

A. GOMES NAMORADO
(1.º tenente piloto aviador)

A GARRETT Largo do Chiado, 9 e 11

Almoços completos de 12 e 16 Esc.
Jantares completos de 15 e 18 Esc.

Coronel Lopes Mateus

A comissão central administrativa da Liga dos Combatentes da Grande Guerra oferece amanhã, sabado, na Garrett, um jantar intimo de despedida ao seu presidente, sr. coronel Lopes Mateus, que parte brevemente para Angola, a ocupar o alto cargo de governador geral.

Banco do Comercio e do Ultramar

Reuniu-se ontem a assembleia geral dos credores do Banco do Comercio e do Ultramar, que elegeram o Banco de Angola seu representante na comissão liquidatoria.

Jóias genero antigo

Lindos modelos a preços barattimos — Grande sortido

Ourivesaria: SANTOS CATITA, Lda
R. EUGENIO DOS SANTOS, 44

No SAO LUIZ: Um grande filme! Um grande espectáculo!

NOITES MOSCOVITAS

com ANNABELLA, HARRY BAUR, SPINELLY e R. P. WILLM

O MAIOR FILME FRANCÊS DA TEMPORADA!

Cultura cinematográfica

(Continuação da 3.ª página)

tipa em *Noites Moscovitas*. Em todas elas se revela um assombroso artista.

Bourlioukov é a figura mais impressionante—a única figura impressionante da novela. Aquele complexo de amor suave e brutal, de honestidade e candidez, de sorte e azar, de materialismo e religiosidade—resulta apaixonante. Impossível de classificar comodamente no escaninho das personagens antipáticas, também não se arruma bem no das simpáticas. Para falar com franqueza, achamos aquele nosso mistico mais digno da beleza candida de Annabella que o oficalet com pouco chumbo nos miolos. O que não nos parece é que a aristocrática nulidade fosse digna de tanta força e de tanto caracter... Só por isso nos pareceu que o filme «acaba bem».

Alexis Granowsky, realizador de alto coturno, comercial, mas com habilitações sérias, resolveu lealmente em imagens sólidas, bem escolhidas e bem arrumadas, a novela—do sr. Benoit. Uma vez que o livro fora feito de propósito para dele se extrair o filme, o essencial era extrair. E a gente... extrai-se, como dizia o recruta da anedota.

Henry Baur, a invulgar excelência do som (música muito agradável) e a voz envolvente de Annabella são os atractivos principais de *Noites Moscovitas*. Os restantes interpretes fazem a sua obrigação. O mais fraquinho é Pierre Richard Willm, que já tem sido mais feliz. Boas decorações, bonitas paisagens, boa fotografia. Por uma vez, a *Russia made in France* não é de contrabando.

* * *

Faz-nos imenso transtorno que *Alice in Wonderland* tenha sido traduzido por *Alice no País das Fadas*. Perdemos um riquíssimo trocadilho. Se tivesse sido traduzido como devia, diríamos:—*Alice no País das Maravilhas*—é uma maravilha!

Hein?

Mas o que vale é que continua a sê-lo, traduzido assim ou assado.

Nunca acreditamos que o livro de Lewis Carroll fosse um livro para crianças. Lemo-lo em petiz. Achamos imensa piada ao Chapeu Maluco, à Tartaruga Falsa, ao Tio Castor, ao Gato das Caretas, ao Cavaleiro Branco, ao Honky-Tonky, ao Tweedledee e ao Tweedledum—mas não percebemos patavina. Agora, que já somos crescidos, *Alice in Wonderland* representa para nós o primeiro alicerce literário do supra-realismo—e temos por ele, supersticiosa veneração que os romanos (os autenticos, não os do sr. Cecil B. de Mille ou do sr. Frank Tuttle) tinham pelos famosos Livros de Sibila. Damos um doce ao petiz que for capaz de perceber de fio a pavio, a historia da menina Alice! Até nos afoitamos a prometer um automovel ao papá que lho explique...

O que nunca imaginamos—e ninguém pode acusar-nos de não ter confiança no cinema—é que fosse possível transpor para o écran a maravilhosa viagem ao país «que está por detrás do espelho» com aquela fidelidade integral que nos dá o filme de Norman McLeod.

Prodígio de técnica! Semelhante obra está acima de toda a critica. Nunca a fantasmagoria cinematográfica subiu tão alto e tão perfeitamente, nem mesmo nos desenhos animados! A que distancia ficam os mais famosos «filmes de truques»! Que vergonha para o famigerado *King-Kong*! Como parece infantil, ao pé deste filme infantil (?), *O Homem Invisível*!

Os interpretes, todos eles, de renome (tíngamos o gosto de voltar a ver o subtil Ford Sterling, largo tempo afastado dos studios) distinguem-se principalmente pelas suas alucinantes caracterizações. Nem todos os dias se vê um homem mascarado de ovo, de pudim, de relógio ou de perna de vitela! E como Charlotte Henry nos dá toda a curiosidade insaciável e a travessura iluminada de Alice!

Um filme verdadeiramente unico!

RETARDADOR

Serviço especial para o Algarve na época das amendoeiras em flor, organizado pela C. P.

O Algarve está vestindo as suas melhores galas para receber os milhares de excursionistas que nesta época costumam visitá-lo. As amendoeiras estão a cobrir-se de flores, o que dá a paisagem algarvia um aspecto encantador e inconfundível. A floração começa este ano mais cedo, devido ao magnifico tempo que tem feito. A C. P. vai iniciar no proximo dia 15 o mesmo serviço especial da época anterior para o Algarve, com a venda dos bilhetes especiais a preços reduzidos, de Lisboa e Porto, efectuando-se no dia 19 a primeira das excursões semanais em grupos, serviço que tanto exito teve no ano passado.

Visitar o Algarve, terra das mouras encantadas e das amendoeiras em flor, é um verdadeiro prazer.

Mundanoismo

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras: Condessa do Ameal (D. Maria Amélia), D. Maria Cristina Bordallo Pinheiro, D. Francisca Maria Ana Cardoso de Meneses (Margaride), D. Lidia de Figueiredo Cardoso de Olivera, D. Maria Henriqueta de Melo Sampaio (Pombelo) e D. Amélia Val-darrama Morales de los Rios.

CASAMENTOS

Realizou-se na Basílica da Estrela, sendo celebrante o reverendo prior da Lapa, Monsenhor Domingos Gonçalves Nogueira, que no fim da missa fez uma brilhante alocução o casamento da sr.ª D. Maria da Conceição Matos Pereira, filha da sr.ª D. Henriqueta Matos Pereira, e do sr. João Pereira, com o sr. Fernando Campos Cardoso, filho da sr.ª Eliza Campos Cardoso e do sr. José Pereira Cardoso, servindo de madrinhas as sr.ªs D. Gertrudes Matos Dias e D. Alda Campos Cardoso e de padrinhos o sr. José Diniz e o pai do noivo.

Findo o acto religioso, foi servido na residência dos pais da noiva, um finissimo lanche da pastaria «A Garrett», recebendo os noivos grande numero de valiosas prendas.

A CARIDADE

Tarde de Cinema

Realiza-se na tarde de sabado, proximo no Palacio Cinema, ás Avenidas Novas uma interessante tarde de cinema, de caridade levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, de que fazem parte as seguintes sr.ªs: D. Helena Teixeira Wirtz de Meneses Alves, D. Isabel Gentil, D. Julia Maria Gonçalves de Freitas, D. Manuela Ruiz Correia da Cunha, D. Maria Alda Amazonas de Araújo Rosas, D. Maria Antonieta Matos Moreira Ferreira, D. Maria Aminda Móra, D. Maria do Carmo de Barros e Vasconcelos, D. Maria Francisca de Vasconcelos e Sousa, D. Maria Helena Aranha, D. Maria Helena de Castro, D. Maria Izabel Falcão de Moraes Sarmento, D. Maria Izabel Machado (Santo Tirso), D. Maria Joana de Albuquerque, D. Maria Lucinda Ressano de Azevedo Enes, D. Maria Luiza Vierling, D. Maria Tereza de Moniz Sampaio e D. Molly Stilwell, cujo produto se destina a favor da Casa de Repouso de Nossa Senhora de Fatima, sendo o programa organizado com verdadeiro criterio artistico gentilmente cedido pela casa H. da Costa.



Ordem dos Advogados

Assembleia Geral Extraordinaria

CAIXA DE PREVIDENCIA

Para continuação dos trabalhos da reunião da Assembleia Geral Extraordinaria, que se realizou no dia 19 de Dezembro ultimo, é convocada por este meio uma reunião da Assembleia, para o dia 7 do corrente, pelas 21 e 1/2 horas, na sede da Ordem, Largo de S. Domingos, 14-D, 1.º andar.

Lisboa, 4 de Janeiro de 1935.

O Presidente do Conselho

José Maria Vilhena Barbosa de Magalhães

DE LUTO

Menino José Ferreira Macedo



José Ferreira Macedo

Faleceu o menino José Ferreira Macedo, filho da sr.ª D. Ema de Jesus Ferreira, em cujo funeral se encorporaram numerosas pessoas que conheciam as belas qualidades da desditosa criança.

A família do falecido está reconhecida a sr.ª D. Carolina Ferreira da Silva, que lhe dispensou os maiores cuidados, durante os seus ultimos dias de vida.

Dr. Nuno Cruz

Faleceu em Madrid, onde havia fixado residência, o antigo official do Exercito e advogado sr. dr. Nuno Cruz.

O falecido tomou parte na Grande Guerra tendo-se distinguido na campanha da Flandres onde ganhou a Cruz de Guerra.

Depois de assinada a paz, regressou á patria, tendo concluido, em Coimbra, o curso de direito.

Aos seus ultimos momentos assistiu o sr. dr. Eduardo Cruz, professor liceal e irmão do falecido.

CARTAZ

TEATROS

Nacional—A's 21 e 30—«Sol Poente»
Trindade—A's 21 e 30—«Uma mulher de negocios»
Avenida—A's 21 e 30—«O alfinete»
Apolo—A's 20 e 30 e 22 e 45—«Zé dos Pacatos»
Maria Vitoria—A's 20 e 45 e 22 e 45—«Viva a Folia!»
Variedades—A's 20 e 45 e 22 e 45—«O Chico das Pegas»
Coliseu—A's 20 e 30 e 22 e 45—«O Fim do Mundo»

CINEMA

S. Luiz—A's 21 e 30.
Tivoli—A's 21 e 30.
Politeama—A's 21 e 30.
Condes—A's 21 e 15.
Central—A's 21 e 30.
Odéon—A's 21 e 15.
Olimpia—Das 14 e 30 ás 2.
Chiado Terrasse—A's 21 e 1.
Royal-Cine—A's 21 e 15.
Capitolio—A's 21.
Paris Cinema—20,45—R. Domingos Sequeira.
Palacio—A's 21 e 30.
Jardim Cinema—21 e 30—Av. Alvares Cabral.
Eden-Cinema—R. do Alívio, a Alcantara.
Sport Lisboa e Benfica—Av. Gomes Pereira.

Cabo submarino

Desde ontem que se encontram restabelecidas as comunicações do cabo submarino entre Benguela e Mossamedes, serviços que estiveram interrompidos durante alguns dias devido a uma avaria.

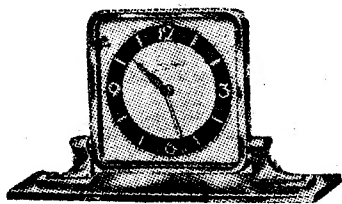
Gremio de Trás-os-Montes

No proximo domingo, ás 16 realiza-se uma «matinée» dansante no Grémio de Trás-os-Montes.

Contra Constipações, Grippes, Bronquites, etc



USE e o seu VAPORIZADOR ELETTRICO



Para o brinde que deseja um despertador do

Torroaes

é admiravel.

119 - RUA DA PRATA - 123
Telef. 24210

Antiga "Casa Rafael"

Suc. EDUARDO RIBEIRO LOPES

CARNES

Uma das mais antigas no genero, fornecedora dos principais hotéis e restaurantes de Lisboa.—Telef. P. B. X. 2 2115.
Escritorio: R. da Betesga, 41, 1.º — Talho e Salsicharia: R. da Betesga, 100-101

O TALHO N.º 28

Tem sempre abundancia de banha, toucinho, murelhas, farinheiras, ch urriços do carne e de sangue e toda a especie de carne fumada das melhores regiões.

Carne de porco, vitela, vaca e carneiro

Fornece para hospitais, hotéis, casas de caridade, etc., nas melhores condições. Rua dos Fanqueiros, 28 (Mercado da P. da Figueira)—Telef. 2 8460.

Sensacional estreia, hoje, no Coliseu, dos celebres bailarinos internacionais Ray Bel and Leonor Masen nas duas sessões da fantasia

"O FIM DO MUNDO"

Mais uma estreia, e de veras sensacional, se verifica esta noite na sempre gloriosa e triunfante fantasia O Fim do Mundo que continua atraindo ao Coliseu milhares de entusiastas por esta peça de alegria, de encanto e de deslumbramento. Trata-se da celebre parrelha de bailarinos internacionais Ray Bel and Leonor Masen, que nos vão revelar os seus originalissimos bailados, cheios de distincção e de arte. Quere isto dizer que O Fim do Mundo vai sendo exibido com aspectos novos, cada vez mais brilhantes e graciosos. E de entre as varias novidades, destacam-se os numeros estreados ontem com estrondoso sucesso e que se intitulam:—Olha!, engraçadissimo estribilho por Ema de Oliveira, e O Fado Novo, melodiosa e apaixonada criação de Ercilia Costa, a nossa mais popular cantadeira de fados.

Domingo: Matinée, com entrada grtuita ás crianças devidamente acompanhadas. Preços ao alcance de todas as pessoas.

Vinhos

Champagnes, Cognac, e Licores etc., não comprem sem ver no

16-Largo do Chiado-17

(junto á igreja do Loreto)

BOLO REI

Todos com valiosos brindes mas o brinde mais valioso ainda é a sua optima qualidade.

Pastelaria Luso-Americana

VIA ALM. ANTE N.º 146-A a 146-B

Telefone 4 7765

Policlínica Central de Lisboa

FUNDADA EM 1905 para classes pobres

Praca Luiz de Camões, 22, 2.º, B.—Telefone 2.2740

Prof. Borges de Sousa—Doenças dos olhos, 11 h.

Dr. Henrique Bastos—Rins e aparelho urinario—11 e 1/2 h.

Prof. Egas Moniz—Nervosas e mentais—3 h.

Dr. Carlos Falazar de Sousa—Doenças das crianças—2 h.

Dr. A. Burguet—Estomago e intestinos—13 h.

Dr. Sant'Ana Leite—Ouvidos, nariz e garganta—1 e 1/2 h.

Dr. Craveiro Lopes (filho)—Doenças da pele e sífilis—1 e 1/2 h.

Dr. Figueiredo Valente—Medicina geral, coração e pulmões—14 h.

Dr. Torres Pereira—Cirurgia geral—3 h.

Dr. Oliveira Luzes—Diatermia, raios ultra-violetas, maçagens, etc.—1 e 1/2 h.

Dr. Freitas Simões—Doenças das senhoras—4 h.

Dr. Tiago Marques—Boca e dentes—10 h.

Prof. Eduardo Coelho—Circulação e nutrição—4 h.

Dr. Custodio Teixeira—Análises clinicas.

Perfumaria Viuva Dias

342, Rua dos Fanqueiros, 344—LISBOA

AOS BARBEIROS

Variado e completo sortido em utensilios niquelados para a arte, recomendaveis pela sua qualidade e perfeito acabamento. Perfumarias nacionais e estrangeiras dos melhores fabricantes.

Perfumaria Viuva Dias

342, Rua dos Fanqueiros, 344—LISBOA

GLACIS - EXPRESS



Marca

registada

E' RIPOLIN

seca em 3 horas
existem 24 cores

A' venda em todas as

Drogarias e lojas de ferragens

BARATA & VIEIRA

Talho e salchicharia

Carne de porco, vaca, vitela e carneiro das melhores procedencias.

Fornecedores de hotéis, hospitais, etc.

Calçada de Sant'Ana, n.º 68

DR. MIGUEL DE MAGALHÃES

Monitor da clinica de Necker — Paris

RINS e vias urinarias—Venereologia
e sífilis.—T. N.º de S. Domingos, 9, 1.º
as 15 horas—Telefone 2 9062

ESTRANGEIRO

Dr. Armando Narciso

Clinica medica

PRAÇA RESTAURADORES, 48, 1.º

Telef. 21738

Assalto a um banco inglês

LONDRES, 4.—Um banco de Manchester foi assaltado por dois indivíduos, que depois de manietarem dois empregados que ali se encontravam arrombaram a caixa e levaram 500 libras, desaparecendo em seguida de automóvel. Este audacioso assalto causou sensação, pois há apenas alguns meses que outro banco foi assaltado da mesma maneira. A Polícia pôs-se em campo e todos os postos de T. S. F. pediram a captura dos bandidos cujos sinais deram.—(Havas).

Demografia italiana

ROMA, 4.—Segundo a estatística demográfica relativa a 1934, o numero de nascimentos em Roma foi de 23.381 e o de falecimentos 12.264, o que eleva a 1.137.000 a população desta capital. O numero de nascimentos foi superior ao de 133 em 1.167.—(Havas).

Politica mexicana

MEXICO, 4.—O presidente Cardenas publicou um decreto que confia ao partido nacional revolucionario o encargo de assegurar todo o serviço de propaganda social revolucionaria.—(Havas).

A saude de Paul Bourget

PARIS, 4.—São destituídos de fundamento todos os boatos postos a correr a respeito do estado de saude—que esses boatos pretendem alarmar—do celebre escritor Paul Bourget.—(Havas).

Derrocada de um palacio e morte de dois operarios

MILAO, 4.—Na rua Uberti abateu um palacio, ficando soterrados oito operarios, dois dos quais foram retirados já cadáveres.—(Havas).

LINDAS AVÓS



CRÈME TOKALON

Côr de rosa, unico Alimento para a pele que seja afiançado por 100 cons. As mulheres de 50 anos podem d'ora avante aparentar apenas 30.

Aplicar o Creme Tokalon, côr de rosa á noite antes de se deitar e o Creme Tokalon, côr branca, não gorduroso, de manhã.

Procure-os nas perfumarias ou escreva para o Deposito de Lisboa (secção D. L.), 88 rua d'Assunção, que responderá logo.

As Sardinhas de Conserva constituem um acepipe dum riquissimo sabor. E' um principio de almoço que fica bem em todas as casas.

Recuse as latas sem nome do fabricante.

O PROBLEMA DO SARRE

Os manejos separatistas

SARREBRUCK, 4.—O Supremo Tribunal do Sarre julga um processo movido pela Comissão de Governo contra o dr. Saverkoul, chefe dos serviços economicos da Frente Alemã, que é acusado de ter ofendido, no jornal «Trutzbund», o director dos Caminhos de Ferro do dr. Nicklaus. O reu accusou este alto funcionario de ter comprado 150.000 marcos alemães a um preço baixissimo, depois de ter afixado um aviso nas bilheteiras, dizendo que não se aceitava a moeda alemã. O dr. Saverkoul disse que com esta atitude o dr. Nicklaus secundou a politica dos separatistas. O advogado confessor ao tribunal que fez a referida transacção, que recebia com frequência em sua casa os chefes separatistas Max Braun, Hoffmann, Waltz, o principe de Loewenstein e o padre Doerr e que a sua dactilographa privada passou á maquina artigos para os jornais separatistas. Espera-se com o maior interesse a sentença.—(Americana).

Um artigo de von Neurath

NOVA YORK, 4.—A revista «The Forum» publica um novo artigo de von Neurath. O ministro dos Negocios Estrangeiros alemão escreve: «Quanto mais firme é a politica interna do Reich e quanto mais ela vai a caminho dos seus objectivos, maior a certeza da possibilidade da nação alcançar os seus desejos, na politica externa. A união quasi completa do povo alemão e, mediante ela, uma vontade comum, permitem esperar que as nossas reivindicações nacionais, serão, em breve, satisfeitas. O ano de 1935 marcará um passo em frente, com a restituição do Sarre. E' lícito que a evolução da politica internacional conduza a um acôrdo entre os povos. O governo e o povo alemão trabalharão com entusiasmo neste sentido».—(Americana).

Propaganda eleitoral

BERLIM, 4.—Em 11 de janeiro, pelas 20 e 30 horas, todos os postos alemães radiodifundirão um discurso de propaganda, intitulado: «Sarrenses! Abri o caminho, em 13 de janeiro, para a reconciliação».—(Havas).

Greve que termina

RIO DE JANEIRO, 4.—Terminou a greve do pessoal telegraphico ital.—(Havas).

A morte do cardial Bourne

LONDRES, 4.—Os restos mortais do cardial Bourne foram hoje transportados da catedral de Westminster para um dos jazigos de Saint-Edmund College, em Hertfordshire.

Uma imensa multidão enchia por completo a nave do templo. Assistiram varios prelados do clero catolico, de varias ordens. Sir Stephen Killick, «lord mayor» de Londres assistiu tambem ás ceremonias.—(Havas).

UM FILHO DE MUSSOLINI

fracturou uma perna

ROMA, 4.—Um dos filhos do Duce, Bruno Mussolini, caiu ao descer em «ski» os montes Sisos, e fracturou uma perna. Apesar disso, e recusando atender os conselhos do medico, persistiu em assistir á chegada dos membros do Conselho Nacional Fascista.—(Havas).

Academia Brasileira

RIO DE JANEIRO, 4.—O escritor Paulo Setubal, que foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras, fará no acto da posse o elogio de João Ribeiro, que o antecedeu na cadeira academica.—(Americana).

As ferias dos soberanos ingleses

LONDRES, 4.—Os soberanos de Inglaterra partem nos principios da primavera para Eastbourne, para a propriedade do duque de Devonshire.—(Havas).

Turvação pela duvida e a alemã

Na sede do Gremio Russo-Alemão, na rua do Passadico, 86, 1.º, começaram já a funcionar os cursos elementares, medios e superiores de lingua e cultura alemãs, continuando aberta a respectiva inscrição. A secretaria do gremio encontra-se aberta ás segundas, quartas, quintas e sabados, das 15 e 30 ás 18 e 30, e ás terças e sextas, das 20 ás 22 e 30.

Almoço de confraternização

Num restaurante dos arredores, realizou-se amanhã, domingo, um almoço de confraternização dum grupo dos alunos que frequentaram a Escola Academica nos anos de 1918-1925.

A concentração realiza-se no Café Commercial, ás 12 horas.

PORTO, BORGES, grátis !!!

Oferece a «Pastelaria Veneza» 1/4 de garrafa deste excelente vinho a todos os clientes compradores de 1 quilo do seu finissimo BOLO REI durante o periodo das festas.

Avenida da Liberdade, 63

Telef. 2 5267

UMA LATA DE VERDADEIRAS PASTILHAS VALDA

bem empregada, e utilizada a proposito resguardará vossa Garganta, vossos Bronchios, vossos Pulmões, combatendo eficazmente DEFLEXOS, BRONCHITES, GRIPPE, ASTHMA, EMPHYSEMA, etc.

Encontram-se em todas as Farmacias e Drogeries EM LATAS com o nome VALDA Representante H. REYNAUD LISBOA

Quer a sorte grande? Habilita-se na tabacaria MADRID Rua do Mundo, 115



TIPO CREADO POR MR. JOSEPH LABORDE, PROFESSOR DA ESCOLA DE OENOLOGIA DE MONTPELLIER

INCOMPARAVEL VINHO BRANCO DE MESA

O MELHOR PARA PEIXE, MARISCOS E «CUPS»

ENCONTRA-SE EM TODAS AS BOAS CASAS E NA FILIAL DE LISBOA

RUA DO ALECRIM, 117 a 121

TELEFONE 2 2556

Politica norte-americana

WASHINGTON, 4.—Na sessão de abertura do Congresso, que se realizou ontem, foram apresentados 2.400 projectos de lei, o primeiro dos quais foi um de Pattman, propondo o immediato pagamento das pensões a 2.100.000 veteranos, medida a que fortemente se opõe o presidente da Republica.—(Havas).

WASHINGTON, 4.—O presidente Roosevelt virá hoje ao Congresso, e na segunda-feira pronunciará a sua mensagem acerca do orçamento. Segundo consta, Roosevelt reserva ao Congresso uma «surpresa» pelo que respeita ás suas opiniões acerca dos socorros por desemprego. O «déficit» do Tesouro no 1.º semestre fiscal é de quasi 1.700.000.000 de dolares e o total da divida publica anda em volta de 28.500.000.000. O representante dos republicanos deu a conhecer o programma da opposição, que não representa nada de novo.—(Havas).

BOLSA DE LISBOA

4 de janeiro CONTADO

VALORES	Elec.ano	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 6 1/2 % 1923 convert. em 4 3/4 % 1933	1.107\$00	1.106\$00	1.107\$00
Consolidado 5 1/2 % 1913	1.057\$00	1.057\$00	1.058\$00
4 1/2 % 1933	989\$50	989\$00	990\$00
4 % 1934	924\$00	924\$00	925\$00
Externo 3 % 1.ª Serie	—	1.582\$00	—
3 % 2.ª	—	—	—
3 % 3.ª	—	1.590\$00	1.605\$00
Emp. 4 1/2 % 1912	513\$50	513\$00	513\$50
6 1/2 % 1930-Consol	—	514\$00	516\$00
6 3/4 % 1930-Portos	—	1.012\$00	—
6 % 1932	—	—	—
Accções			
Bancos			
Comercial de Lx.ª port.	—	435\$00	450\$00
Lisboa & Açores	—	—	395\$00
Portugal	—	—	1.075\$00
Espírito Santo	—	—	—
U.ª de Seguros			
Bonança	—	635\$00	670\$00
Fidelidade	—	—	182\$00
Nacional	183\$00	—	800\$10
Sagres	—	700\$00	—
Lagos	—	660\$00	700\$00
C.ª diversas			
C. P. ordinarias	97\$50	97\$00	101\$00
privilegiadas	—	—	—
Agua de Lisboa, port.	650\$00	640\$00	660\$00
Cerveja Estrela	—	220\$00	240\$00
Cimentos de Leiria	—	—	—
Credito Predial	23\$80	23\$50	23\$80
Gaz e Electricidade	288\$50	288\$00	289\$10
Navegação	59\$00	58\$50	59\$50
Portugal e Colonias	69\$50	69\$50	69\$50
Portuguesa de Pesca	160\$00	160\$00	—
de Tabacos	372\$50	372\$50	373\$00
Tabacos de Portugal	—	316\$00	3.04\$00
Tabaqueira	—	529\$00	—
União Electrica Portug.	180\$00	180\$00	183\$00
Coloniaes			
Assucar d'Angola	—	370\$00	374\$00
Busi-1.ª Emissao	35\$50	35\$50	36\$50
—2.ª	—	—	—
Ilha do Principe	139\$00	139\$00	140\$00
Obrigações			
C. P. 6 oio	493\$00	492\$50	494\$00
Predias 6 oio—1932 1.ª	—	89\$00	90\$00
7 oio	—	117\$00	118\$00
U. Electrica Port. 7 1/2	124\$00	123\$00	124\$00
Busi 9 oio	—	114\$00	—

Henrique de Barros Gomes

Corretor oficial da Bolsa de Lisboa

Telef. 2 5482 Rua S. Julião, 69

CHEQUE SOBRE	Compra	Venda
Londres	110\$00	110\$15
Paris	1443,4	1448,6
Madrid	3907,4	3907,8
New-York	22436,3	22439,4
Zurich	7429,4	7430,4
Boma	1492,4	1492,7
Bruxelas	5426,0	5426,7
Amsterdão	15421,9	15424,0
Berlim	9465,4	9464,7
Praga	993,8	993,9
Lisboa de Janeiro	1448,9	1449,1
Libra ouro	—	—

BOLSA DE LONDRES

LONDRES, 4.—Bolsa de valores: mais actividade. Fundos governamentais, mais facilis. Valores brasileiros, descem devido a dificuldades cambiais. Os alemães, Dawes e Young, melhoraram.—(Havas).

OCEAN e PALACIO

A melhor de todas as comédias
de EDDIE CANTOR
Estaduais Romanes

ULTIMAS NOTICIAS

Companhia das Fabricas
Cerâmica Lusitania
Grandes fabricas de bons pro-
dutos ceramicos de
TODOS OS GENEROS E PARA
TODOS OS USOS
Lisboa, Porto, Coimbra, Braga,
Setúbal, Faro, Portimão e etc.
A CERAMICA QUE HONRA O PAIS?

Uma tragedia em Vila Real

Um homem assassinou outro
e suicidou-se em seguida

VILA REAL, 4.—(Pelo telefone).—A's 13 e 30 deu-se uma tragedia na fidal da Caixa Geral de Depósitos, que profundamente impressionou todos os habitantes desta cidade. O continuo daquele estabelecimento, Francisco de Aquino Costa, disparou três tiros de pistola sobre o tesoureiro, sr. Albano Fernandes, ferindo-o gravemente na cabeça e no peito. O desvalhado após o seu acto suicida, evadindo-se, refugiando-se no estabelecimento de vinhos de Antonio Soares, na rua Candido dos Reis. Como se visse perseguido, desfechou a arma contra si, indo um tiro alojar-se-lhe na cabeça.

O sr. Albano Fernandes foi imediatamente transportado ao hospital, sendo submetido a uma delicada operação. Um dos projectos atravessou-lhe o pulmão esquerdo, alojando-se-lhe outro no cérebro. O seu estado é extremamente grave. O agressor está em estado comatoso.

Ignoram-se os motivos da tragedia, havendo, no entanto, quem os filie em causas intimas. Ambos tinham, ha muitos anos, cortado as relações.

OS EFEITOS DO FURACÃO

que assolou a capital da Letonia

RIGA, 4.—O violento furacão que ontem assolou esta cidade, causando muitas vítimas e prejuizos materiais de grande importancia, deixou de fazer sentir os seus terribes efeitos ás primeiras horas de hoje.

Esta manhã o mar arrojou á praia os cadáveres de mais 15 pescadores, pelo que o número de vítimas se eleva a 35.

Registaram-se cenas lacinantes, quando as famílias dos mortos depa-ram com os cadáveres dos entes queridos na praia, cobertos de areia. Alguns apresentavam-se muito esfacelados, devido ao violento embate das ondas.

O total de embarcações pesqueiras destruidas pelo furacão é de noventa. Ficaram reduzidas á mais extrema miseria muitas famílias, que só vivia do produto que os seus ganhavam na faina da pesca.—(United Press).

O julgamento de Hauptmann

e a coragem de Mrs. Linbergh

FLEMINGTON, 4.—Noma exposição d'admiração, o advogado de Hauptmann declarou que a defesa ia tentar provar que o rapto do filho de Linbergh fora planejado em casa deste, o que não quer dizer que qualquer membro da família do aviador esteja implicado no referido rapto. Afirmou que havia cinco pessoas de que citaria os nomes no tribunal—envolvidas no caso e que a criança não foi trazida pela escada de mão e tirada pela janela, mas sim saiu normalmente pela porta da rua.

Toda a gente admirou a coragem que a esposa de Linbergh demonstrou ontem no seu depoimento, que devia ter constituído um dos momentos mais cruéis da sua vida. Durante todo o tempo que esteve sentada no banco das testemunhas, a depór, seu marido não tirou os olhos dela, como para dar-lhe coragem.—(Havas).

Roosevelt quer evitar

a todo o custo
a corrida dos armamentos

WASHINGTON, 4.—Roosevelt está resolvido a usar de todos os meios ao seu alcance para evitar a corrida dos armamentos. Ha que contar primeiro com o projecto de Hull para a fiscalização do fabrico de armas e depois o governo espera conseguir um acordo no quadro da Conferencia Internacional do Desarmamento, em Genebra. O ministro dos Estados Unidos em Berne partirá para a Europa no dia 10 do corrente com instruções para sondar os governos europeus com respeito a uma reunião da Conferencia do Desarmamento. Os Estados Unidos tencionam pedir a inclusão da Alemanha nas conversações e talvez mesmo a sua assistência áquella conferencia.—(Havas).

Os japoneses denunciaram o tratado naval de Washington. Em consequencia dessa resolução os americanos, directamente ameaçados pela tentativa niponica para conseguir a paridade de armamentos, procuraram um entendimento com a Inglaterra. Não foi possível realizar o entendimento anglo-americano por dois motivos: a Inglaterra repugna trabalhar fora do quadro de Genebra e os acordos de Lorcarno e de Briand não criticam a sua assinatura, pela casa H. da Costa subordina a letra do pacto; além disso os interesses britânicos encontram-se tão intimamente ligados aos interesses japoneses no Pacifico, que é impossível ao Foreign Office e ao Almirantado tomar attitudes decisivas que possam desagradar aos dirigentes de Toquio.

A Washington só restava, portanto, entrar no caminho duma combinação de caracter geral feita com o apoio de Genebra para garantir a adesão de Paris e de Londres. Uma tal manobra implica o risco de comprometer toda a politica geral norte-americana que terá de definir-se, claramente, pelo ingresso na S. D. N. ou pelo isolamento actual, com os seus riscos inevitáveis.

A primeira hipótese está longe de contrariar os desejos intimos de Roosevelt; anuncia-se mesmo já a proxima apresentação no Senado duma proposta que, por enquanto com a responsabilidade exclusiva do seu autor, procurará fazer ingressar imediatamente os Estados Unidos na S. D. N.

Prevendo a hipótese de que esta tendencia, claramente apoiada pela Casa Branca, não triunfe de momento, os dirigentes americanos encaram a possibilidade duma participação activa na Conferencia do Desarmamento e numa nova Conferencia Naval, em que colaborariam, pela primeira vez, os delegados técnicos e políticos da Alemanha e da Russia.

Os acontecimentos e a lição dura dos ultimos tempos demonstraram que a doutrina de Monroe sofreu desgastes identicos aos que inutilizaram o principio tradicional do isolamento britânico. A America reconhece, com as reservas naturais que as suas conveniências vitais condicionam, que só uma politica de larga e sincera colaboração resolverá a crise que a todos aflije e a todos pode vitimar.

O pacto franco-italiano

está concluido
Importantes declarações de Laval

PARIS, 4.—Antes de partir para Roma, Laval fez as seguintes declarações á imprensa italiana e francesa:

«As negociações entre a Italia e a França para a efectivação do pacto franco-italiano decorreram sempre com grande cordialidade. As conversas que vou ter com Mussolini terão um mais alto objectivo do que a realização pura e simples do pacto franco-italiano ha muito desejado e aguardado pelos povos que defendem a paz.

«Esse objectivo é o de fortalecer e assegurar a paz e a tranquillidade entre os povos do mundo, admirável trabalho de que a Italia e a França, justamente se podem orgulhar.

«Defenderei os interesses da França, assim como Mussolini defenderá os da Italia, mas juntos defenderemos os interesses da paz mundial.

«No momento de partir sob o peso de tão grande responsabilidade, garanto solenemente que os que me honraram com a sua confiança não sofrerão qualquer decepção, porque o trabalho que vou concluir será perfeito.—(United Press).

Os receios da Hungria

BUDAPESTE, 4.—Os jornais frisam a importancia da viagem de Laval a Roma. No entanto esta visita faz reaccer os antigos receios, que a imprensa official procura dissimular sob protestos de confiança em Mussolini, ao mesmo tempo que outros órgãos dão a entender que a Italia não poderá renunciar as pretensões territoriais que tem defendido, especialmente na direcção dos Balkans. Como a revisão do tratado de Trianon é o fim supremo da politica externa da Hungria, receberam-se com certa inquietação em Budapeste os boatos de que Laval e Mussolini concluiriam em Roma um acordo com caracter antirevisionista.—(Havas)

O objectivo da viagem

ROMA, 4.—A United Press sabe de fonte autorizada que as conversações que se iniciam hoje nesta capital, entre o ministro dos Negocios Estrangeiros da França, sr. Laval, e o chefe do governo italiano, sr. Mussolini, têm por objectivo ampliar o pacto franco-italiano, de forma a permitir que nele possam participar as nações que constituem a Pequena Entente e também a União das Republicas Soviéticas.—(United Press)

EXERCITO E MARINHA

Conferencias militares

No gymnasio da Escola Militar prosseguiu hoje a serie de conferencias técnicas promovidas pela direcção da Arma de Infantaria. Presidiu o sr. general Bernardo do Canto, director da Arma de Infantaria, e assistiram algumas centenas de officiaes de todas as armas e patentes.

Foi conferente o capitão sr. Alexandre Moraes, que falou largamente sobre temas de fortificação.

Leiam as quintas-feiras o jornal humorístico o «SEMPRE FIXE».

O contrabando de armas

e a cumplicidade
de Azafia e Marcelino Domingo

MADRID, 4.—O órgão católico «El Debate», no seu numero de hoje, referindo-se ao contrabando clandestino de armas e munições descoberto ha tempo em San Esteban de Pravia, acusa abertamente os srs. Azafia e Marcelino Domingo de serem os unicos responsáveis do referido contrabando, pois forneceram o dinheiro suficiente para a sua aquisição no estrangeiro.

Esta afirmação causou, como era de prever, grande sensação não só entre o publico como também em varios centros politicos da capital.—(U. P.)

Condenação á morte

MADRID, 4.—O ministro do Interior sr. Eloy Vaquero declarou esta manhã aos jornalistas que o governador das Asturias lhe comunicara telefonicamente que o conselho de guerra ali reunido condenou o ex-sargento Vasquez á pena de morte e a uma indemnização de cinquenta milhões de pesetas para as famílias de varios militares que por sua ordem foram mortos durante os ultimos sucessos sangrentos das Asturias.—(United Press)

Restituído á liberdade

MADRID, 4.—A comissão permanente das Côrtes concedeu a liberdade condicional ao socialista sr. Juan Tirado, que presentemente se encontra enfermo no presidio militar de Huelva e que é acusado de ter chefiado varios grupos de revolucionarios por ocasião dos ultimos sucessos que se registaram nas Asturias.—(U. P.)

Prisão de um assassino

MADRID, 4.—Foi preso esta manhã pela Guarda Civil Gutierrez Fernandez, que é acusado de ter assassinado o capitão da mesma guarda, D. Alonso Nart, por ocasião da revolução grevista das Asturias.—(United Press).

Começa já no domingo

o plebiscito do Sarre

SARREBRUCK, 4.—A United Press sabe de fonte segura que a votação do plebiscito do Sarre efectua-se em dois dias distintos. O primeiro será no proximo domingo, 6, dia em que votarão os funcionarios publicos, empregados telegrafo-postais, ferroviarios e policia.

Depois de terminados os trabalhos do primeiro dia as listas serão transportadas para Warburg Hall, onde ficarão rigorosamente guardadas e vigiadas até domingo 13. Neste dia votarão, então, os civis e os funcionarios que por qualquer motivo não puderam votar no dia 6.

Esta resolução foi tomada pela Comissão Especial do Sarre, em virtude do domingo, 13, ser um dia de grande movimento para os serviços dos Correios e Telegrafos, e ferroviarios, o que impedia, até certo ponto, os respectivos empregados de tomarem parte no plebiscito.

No dia 13 sairão da Alemanha para votar no Sarre 56 mil alemães.—(United Press).

PASTELARIA

MARQUES

CHIADO, 72

Tel. 2 3362

O MELHOR

Bôlo-Rei



AVIZ SNACK BAR

SABADO 5 DE JANEIRO

Realiza-se o 6.º Snack Bar que tanto tem animado as noites dos sabados no Aviz Hotel. Pratos especiais: Hot-Dog, Iscas de borla, Assiete anglaise, Rlm no espeto, etc. Danças desde as 20 horas ao som da esplendida orquestra privativa deste Hotel.

Reservam-se mesas pelos telefones 48101 — 48102 — 48103.

DOMINGO, dia 6, ás 5 da tarde — CHÁ DANSANTE

DELICAT

Cigarro sem igual—20—por \$500.

Lanches para casamentos
PATISSERIE VERSAILLES

Diário de Lisboa

Suplemento literário

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA—Telefone 20271

DR. LEITE DE VASCONCELOS



Quem o vê passar na rua, alheado na sua indiferença pelo formigueiro humano, sem data no vestir nem no tamanho arqueológico do chapéu, dirá consigo:

—Este homem viveu muito atrás de nós, Deus sabe em que remoto século, e por isso só busca lembranças do que já lá vai.

Realmente o dr. Leite de Vasconcelos parece-se com certo personagem de Rulwer Lytton que, quando recebia a visita de alguém, principiava assim:

—O mundo para mim começa e acaba na minha secretária...

O sabio ilustra que tanto honra a ciencia portuguesa, aquem e além fronteiras, tem-se concentrado na pre-historia, na arqueologia e na filologia, com tal convicção—que adquiriu o espectro venerando e rupestre dos domínios que elas exploram.

Ha anos visitou os Açores e descobriu, no termo de Ponta Delgada, uma aldeia chamada Arrifes, fóra do convívio das gentes, onde se falava a linguagem silvana dos primeiros moradores que desbravaram o solo da ilha de S. Miguel.

Que achado: o português dos fins do século XV—o mesmo dos marinheiros das descobertas!

Exultou o sr. dr. Leite de Vasconcelos que encheu alguns cadernos de notas. Se alguém, assim que tornou a Lisboa, lhe perguntava pelas suas impressões açoreanas, respondia logo:

—Terra admiravel onde podemos desandar três a quatro escudos, sem sairmos da mais rigorosa actualidade!

A vitória de Ruth

Conto bíblico, narrado aos homens
de hoje por **JOAQUIM MANSO**

Israel caíra no domínio de Jabin, rei de Canaan, a quem pagava tributos. As tribus doíam-se com tal humilhação que a sua «dura cerviz» aceitava como o cavalo o freio ou o boi, o jugo. Os velhos choravam em silêncio a sua dor e a juventude pálida e triste envergonhava-se da sua inação.

— Quem nos guiará ao combate? Quando seremos dignos dos paladinos de Josué?

Debora, profetisa e mulher de Lapidoth, que mantinha a verdade e justiça, na interpretação prudente da Lei, chamou Barac, filho de Abinoen, e disse-lhe:

— Alista dez mil soldados das gentes de Neftali e de Zabulon e avança até à torrente de Cison onde acamparás. Farei que os exercitos do inimigo, comandados por Sisara, corram a provocar-te. Ataca-os e desbarata-os sem temor, porque Deus está connosco.

Barac respondeu-lhe:

— «Se vieres comigo, irei: se não quizeres vir comigo, não irei».

Debora pôs nele os olhos calmos, acentuando com profunda convicção:

— Estarei a teu lado, na hora do perigo, mas fica sabendo que Sisara não será presa tua, mas duma mulher que lhe ha-de arrancar a vida.

Tudo se passou com ela ordenara. Apenas as tropas vindas de Asor esboçaram uma ameaça, Barac lança as suas, ao grito de «viva Israel». Sisara, o orgulhoso, aterrado pelo Senhor, abandona a partida, saltando do seu carro, e foge como louco. Era quasi noite, quando se desencadeou a terrível perseguição sobre o vencido: a medida que as trevas cresciam, redobrava a matança.

Numa enorme extensão — campos, serras, vales, aldeias e cidades — desenhavam-se velozes e tetricas as sombras alucinadas dos fugitivos que a cavalaria de Barac abatia sem piedade. Gritos roucos, implorações desesperadas cortavam o silencio opaco e sinistro. Nubens de poeira penetravam nas tendas dispersas junto dos palmares, á beira rio, sufocando as mãis, as esposas e as donzelas que, desfalecidas e gementes, invocavam o auxilio divino.

— Valei-nos Deus forte, Deus bom e Deus justo...

Rompia a luz do novo dia, quando soou o canticco de Debora entoado no jubilo da victoria: o opressor pagára caro a sua insolencia.

— Mas onde se esconde Sisara? — indagou Barac, no desejo de se encontrar com ele face a face.

Levantou o elmo e viu ao longe um mortico clarão que se escoava pela estreita abertura duma branca tenda. Em galope celere, dirigiu-se para lá, gritando:

— Quem vive?

— Sou eu Jahel, mulher de Heber, com minha filha Ruth. Apeia-te e vem ver um quadro impressionante.

Assim fez. Diante dele estendia-se um cadaver.

— Quem é?

Jahel desanuviou o rosto de feições nobres e apontou:

— Sisara, o teu inimigo, a afronta de nós todos, o escarneio de Israel!

ceifados, animam de misterio e angustia.

A primeira, alta e magra, mater-dolorosa, trinta e cinco anos, na formosura eburnea do seu perfil sem mancha, na turvação da tempestade que passa, ardida de raivas e blasfemias, conserva um sangue frio admiravel. Envolve a cabeça num largo capuz e o corpo numa tunica longa que se arrasta pelo chão. De vez em quando, interroga:

— Quando virá ele? A que horas o meu braço ajustará contas com o monstro?...

A segunda, agasalhada num manto de alva lã de Tyro, mostra-se tremula como avesinha batida pela procela. É uma maravilha nada e criada sob o bafo do deserto. Quinze anos apenas — assustados, mimosos e encantadores. No seu pobre peito ansioso, formula-se esta duvida:

— Barac sairá da luta sem um ferimento? Dignar-se-á ele visitar-nos e pousar sobre mim a sua atenção?

Jahel — Ouves, minha filha, como os soldados de Sisara caem á agua que tingem com o seu negro sangue? Ha quanto tempo eu esperava este momento supremo, marcado a fogo no pensamento do Senhor. Sisara que matou teu pai, roubando-lhe os tesouros e os rebanhos, pretendeu manchar a nossa honra, a pureza sagrada do nosso lar. Repeli-o mas não desistiu dos seus ruins intentos, tentando-me com riquezas e presentes. Foi-me necessario desaparecer contigo, percorrendo legoas e legoas, com os pés cortados pelos espinhos, porque o unico bem que devemos conservar é a virtude que merecemos. Supliquei o Ceo, com fé e humildade.

— Paz e perdão para a mãe que se salva com o tenro fruto das suas entranhas! Senti no meu coração uma voz que murmurava:

— Torna para o vale de Sennim e propõe outra vez amizade a Jabin que a aceitará.

Escrava da palavra de Deus, trouxe-te para aqui, na crença de que estivamos protegidas. A besta, porém, velava e uivava, seguindo-me os passos. Não são passados dois meses ainda que ele me enviou duas lindas camelas carregadas de ouro e perolas. Estremeci de nojo, devolvendo-lhe a mercadoria:

— Guarda para ti o roubo e a infamia!

Cego de raiva, expediu-me uma carta, concebida nestes brutos termos:

— Dentro de pouco, serás minha e pagarás com a tua vergonha o sossego que me tiraste.

Estava disposta a tudo — morrer ou matar, se tanto fosse mister — para evitar a deshonra... Felizmente que a guerra estalou e com ela findará o meu tormento.

Ruth — (Febre com uma ponta de delirio. Enlaça-se na mãe, encosta-lhe a face ao seio e respira com esforço).

— Já não soffro pelo que se passa lá fora, mas sim pelo que tenho aqui dentro. Minha mãe, minha adorada mãe, escalda-me na alma quanto me contaste. A tua historia abraza-me, queimando a infancia e a lenda que me embalavam. Nasci de novo no ventre da insaciada amargura que me revelaste. Como sou misera e pequenina comparada contigo!

Jahel — Até aqui, vivias tu em mim, amparando-te no meu braço e orientando-te pelo meu conselho. Agora sei eu que viverei de ti, realizando na tua a minha existencia. A vida não deixa que se partam os elos que nos ligam uns aos outros: os pais completam na sua prole os sonhos que os tocaram, como a claridade dum astro a poeira que se desvanece. Repara no que te digo: Deus julgou-me na sua infinita misericordia e foi clemente a meu respeito. O dia que se avizinha vai ser o maior da minha tortura redimida.

Ruth — Escuta... descobro um vulto estranho que se agarra ás rochas e ás raizes, a fim de se confundir com elas (Num movimento subito de inspiração profetica) E' ele, bem o avisto, o peccado, a macula hedionda que te roçou sem deixar rasto. Assassino, ladrão, cloaca imunda!...

Jahel — Acalma-te, meu amor, e não te assustes. Ninguém nos ofenderá. Barac desfez o invasor, mas o triunfo caber-me-á: breve exterminarei a torpeza na podridão que a gerou. Recolhe ao teu leito e não soltes o mais ligeiro grito.

Ruth retira-se lentamente, com um clarão na fronte que significa obediência a uma ordem absoluta e certeza de que Israel reentrou na graça do Senhor. Enquanto ela cicia amorosamente: — «Minha mãe, minha mãe...» recorta-se no limiar da tenda, amarelecida e torva, a figura atletica dum guerreiro, com as armas rotas, desalentado, pesado na espessura dum corpo que a desgraça está triturando, qual seixo sob a roda dum carro.

Sisara. — Aqui me tens, mas como não quizera ter vindo. Em vinte quatro horas, mudei de posto — ontem generalissimo, hoje palhaço.

Jahel. — E's tu, não me engano! Trazes o aspecto que te convem e que te pinta a primor. O destino tem um golpe de vista infalivel. Assim mesmo: o criminoso no declinio do seu crime. Ha longo tempo que esperava por ti! Tanto tardaste que supus que eras infiel á tua promessa. Enfim, eis-te despedido da tua soberba, macio e doce como um cordeirinho. Da luxuria que te revolvias as entranhas, brotou a supplica dum pedinte.

Sisara. — O momento não tolera delongas: depressa, depressa, uma cama para repousar. Eu que comandava as tropas da Canaan, não aguento o peso da minha destroçada armadura.

Jahel. — Entra, pois, com cuidado: não roubes o sono de minha filha que, como o lirio do vale é sensível ao sopro do aquilão. Não faças barulho, capitão obeso e cinico, que existe aqui um morto mui atento ao fechar das feridas que lhe abriste e que não cessa de bradar: — Jahel, fiel esposa que o amor e a dor sagraram para mim, não consintas que o esquecimento disperse os meus ossos!

Sisara. — O que lá vai lá vai: se todas as minhas vitimas andassem atrás de mim, a pedir vingança, seria eu o cão danado de Canaan...

Jahel. — Sê benvido, portanto. Fatigado e empoeirado, não é verdade? Preparei-te os lençoes mais frescos e derramei neles as essencias de que tu gostas. Aprecias o nardo e o benjoim, sacco de vermes e de puz? Nada te faltará. Nem sequer aludirei á tua fuga

trépida, no meio da derrocada, para escapares a qualquer golpe mortal...

Sisara. — Dá-me um copo de agua, que sinto muita sede. Não imaginas o

(Ver continuação na 4.ª página)



Notas em circulação

Vai-se desenvolvendo em Portugal o gosto pela leitura. Gente das camadas humildes, talvez um pouco á toa, mas com verdadeiro interesse, apaixonou-se pelos livros.

Por todos? Não: ha livros que só interessam a certos enfermos, como alguns medicamentos suspeitos.

Com esses não contamos. Referimo-nos ao publico digno cujas curiosidades nada têm de morbidas. E' com a gente sã e sem taras que devem preocupar-se os nossos escritores.

Houve tempo em que a literatura era simplesmente recreativa, saborosamente inutil, deliciosamente esteril. Os tempos mudaram para melhor: a poesia, o romance, a historia, a critica, o teatro e a polemica não visam a adormecer os reumatismos, mas a despertar os sonolentos.

Existem inquietações que nos obrigam a interrogar as sílabas. As nossas leituras obedecem a preocupações intimas.

Convem varia-las e doseá-las qualitativamente.

Vimos ainda ha pouco mais duma semana uma carta enviada ao director dum jornal em que vinha esta candida pergunta:

—Porque se não proíbe a importação do livro estrangeiro?

Por ser impossível: mal de nós, se para alargarmos o mercado da literatura nacional houvessemos de vedar a entrada aos estranhos. O confronto é necessario como estímulo e como selecção.

Alberto Xavier encetou a publicação duma obra sobre O Romance destinada a demorado successo, tanto mais que a nossa bibliografia nada menciona que se lhe possa comparar. Trabalho de folego e de larga construção.

E' dedicado a Boccaccio, Fernando de Rojas, ao autor desconhecido de «Lazarillo de Tormes» e a Mateo Alemán, nos seguintes termos:

—«Grandes inovadores que, desde meados do século XIV a fins do século XVI, num periodo da historia literaria da Europa predominantemente impregnado, ora do espirito aventureiro e romanesco expresso nos livros de cavalaria, ora do gosto convencional e idealista das pastorais e das ficções heroico-galantes—surgiram a ensinar, á posteridade a arte das composições realistas em prosa, fundada na observação exacta da vida, dos caracteres e dos costumes humanos, e souberam, consequentemente, prestar, em tão remotas épocas, inolvidáveis serviços á causa universal da razão e da verdade».

Entre nós, são rarissimos os estudiosos que, como Alberto Xavier, trabalham sem pressa e numa atmosfera de meditação e recolhimento. A sua biblioteca, que é assás rica, serve-lhe de santuario: dentro dela recolheu o material que lentamente vai desbastando, a fim de lhe dar nova forma, dentro do plano que concebeu.

Segundo Louis Lavelle, no seu livro recente—La Présence Totale, nós podemos viver no universo de duas maneiras—penetrá-lo com a nossa consciencia ou fugir dele, como o fumo que sobe dum tronco a arder, dispersando-se, sem deixar rasto.

Isto envolve uma separação quasi absoluta na especie humana: quem vive por si, em si e de si, renegando da

simpatia universal é como o ladrão que quanto mais rouba menos tem;—pelo contrario, o homem que, através do seu ser, sente a harmonia das coisas, a lei que a impõe e o Absoluto que a inspira, conhece a paz, a alegria e a plenitude. E' urgente escolher.

Como hesitar entre a fonte e o charco?

S. Francisco de Assis desviava as apparencias e entrava em contacto com o Ser, confundindo, na sua visão fraterna e evangelica, as herbas e os astros, os canários e as aguias.

Na sua miseria mendicante, havia tesouros sem preço.

Cada um de nós, afirma Louis Lavelle, carece de acertar a sua existencia pela do universo, pois, se assim não fizermos, rolaremos eternamente no meio das formas, sem encontrar pousada nos braços do Amor!

O assunto da semana tem sido bon gré, mal gré...—a atribuição dos prémios literarios instituidos pelo Secretariado de Propaganda Nacional. Fa-

la-se mais do caso nos cafés, nas esquinhas e em casa de cada um do que propriamente nos jornais. Estes são, pelo menos por decreto da Sabedoria das Nações, espelhos em que se reflecte a vida publica. Mas a verdade é que ás vezes lhes escapa, no seu febril relancear das coisas e das gentes, um ou outro aspecto mais importante para o futuro delas que este ou aquele fait-divers mais ou menos suspeito.

A questão premios literarios pode e deve encerrar-se sob multiplos aspectos. O essencial é não confundir esses aspectos uns com os outros, louvaminhando ou condenando o todo pela simples razão de nos lisonjear ou nos irritar determinada parte.

Objectivamente: na instituição de premios literarios, venham eles de onde vierem, ha vantagens e inconvenientes proprios da iniciativa. Verificam-se eles em todos os premios criados e por criar, estrangeiros ou nacionais. Mas a verdade é que eles são em toda a parte mananciais de (gitação literaria quer pelo incentivo que resulta da existencia duma isca monetaria, quer pelas discussões que provocam infalivelmente as decisões do júri. Portanto, uma vez que a existencia de premios literarios provou ser capaz de pôr em ebulição a agua morna das letras portuguesas, é mais de louvar que de criticar a sua criação em Portugal.

Além disso, conseguiram os premios do Secretariado, nesta sua primeira distribuição, por mais defeituoso que se considere o seu regulamento, adiantar alguma coisa de concreto na evolução, indispensavel a todo o progresso literario, das relações entre autores e leitores? Quere parecer-nos que sim. Por eles, o publico encontrou facilmente um Vasco Reis, lirico de verdade, agulha que só por mero acaso descobria no palheiro dos lirosos á moda do Minho; por eles foi revelado (!) ao publico o nome do poeta e pensador que, de ha muito, guiava toda uma frente intelectual, através da exigua publicidade da revista quasi confidenciais: Fernando Pessoa.

Mais do que uma consagração, um premio literario é uma indicação: dum autor, duma obra, duma tendencia, pelo menos. Caetano Beirão, Portugal vasto imperio e as doutrinas inventariadas no limiar da Idade-Nova—são, evidentemente, seres ou coisas que o publico passou a conhecer, com o que nada perde. E até se dá o facto curioso de ter passado a conhecer muitos autores não premiados, que ele ignorava seraficamente, e que lhe foram revelados através daquilo a que os respectivos grupos chamam fantochada or tremenda injustiça!...

Da Livraria Editora Guimarães & C.ª recebemos uma gentilissima carta com uma cativante sugestão. Nela, além de palavras de incentivo que nos são tanto mais gratas quanto é certo que provêm duma casa que á causa literaria tem prestado inapreciáveis serviços (sob o impulso inicial do illustre escritor e bibliografo Delfim Guimarães)—alvitra-se «a criação duma secção em que se annunciassem os livros a sair e os publicados na respectiva semana, solicitando de todos os editores a remessa, semanalmente, dessas notas».

O Suplemento Literario do «Diário de Lisboa» criou-se, tal como diz a carta, para servir publico, autores e editores. Porá, portanto, em pratica a sugestão da livraria Guimarães, criando a nova secção «Movimento Literario», que já inserimos neste numero.

Cal Hidraulica "Rochedo,"
VENDE: Campo das Cebolas. 12-A—Telef. 2 6576

Quintão, Ltd.ª

São os decoradores mais modernos do País
Consultem-nos sempre e terão resolvido um grande problema

44, Rua Ivens — Telefone 28089

Carta de Paris

Ouvir falar português...

Genario—o «Marché aux puces». Gente diversa coscuvilhando por entre as mais desconcertantes bugigangas manipulando que agrada ou coisa util que, por acaso, vá topar nessas paragens.

Na grande «Feira da Ladrão», de Paris, todos os domingos, o aspecto é semelhante ao do nosso mercado semanal das trazeiras de S. Vicente. Os mesmos pregos ferrugentos, as mesmas fechaduras inverosímeis, os mesmos pares desencontrados de botas velhas. Os moveis, os candieiros, os aparelhos de T. S. F., as molduras, os trapos, tudo cansado, gasto (já a dizer dolorido), amontoam-se em promiscuidade a fazer de fundo ao estendal das coisas mais pequenas, sobre oleados, á frente.

A correnteza das barraquinhas, dos toldos, dos cobertos, quasi iguais, repetindo-se ora piores ora menos piores, estende-se por quatro ou cinco ruelas dum bairro de latas vergonhoso de miseria, porcaria e desconforto, que faz concorrência ao bairro da Liberdade, na Porta de Clignancourt.

Em frente dum saco de amendoim, um homem novo, mal barbeado e de boné, reclama em grita a sua mercadoria:

—Eh m'sieurs-dames! C'est vingt sous le paquet!
Distraio-me ao lado a discutir o preço duma especie de Buda que me diverte, quando me salta aos ouvidos, nitida e inesperada uma frase portuguesa:

—Nem quando vier a mulher da fava rica!
Volto-me, quasi contente, para o homem do amendoim.
—E' português?
—Oui monsieur...
Apresento-me. Entramos á fala. Sei que é operario da construção civil e que não tem trabalho.

—Está tudo no «chomage». Agora os mestres só «ambocham» dez por cento de estrangeiros, e a gente tem de vender «cacauettes» para não morrer de fome...

—Ha muitos portugueses na porta de Glignancourt?
—Uns quinhentos... Tudo na mesma. Ora se trabalha, ora não... Isto vai muito mal com o inverno e com o frio...

—Todos os operarios portugueses vivem neste bairro?
—Quasi tudo. Ou aqui ou lá para a entrada de Montmartre que ainda é pior. Se o senhor é jornalista vá ali áquela «bistro» que é onde a gente se junta mais, veja e fale que isto hem merece uma critica!

Nunca na minha vida tive tanta pena de ouvir, no estrangeiro, entre latas e detritos, uma voz de homem, sádica, falar o português.

★ ★ ★

Ouvir falar português! Nem muita gente imagina o que nos surpreende, na confusão das ruas, entre o som de muitas vozes, uma palavra portuguesa que ás vezes se ouça, por acaso. A curiosidade mistura-se a uma certa alegria, como se revíssemos uma pessoa amiga, embora quasi sempre se perca, no movimento, a direcção da voz.

Se Portugal, que continua um pouco em moda em Paris, é mais conhecido do que pode julgar-se, ao português, infelizmente, não acontece o mesmo. Por isso o meu espanto quando depois de subir as escadas dum dos intermináveis corredores da Sorbonne, em busca dum amigo, o ouvi, calmamente, em frente duns quinze alunos que respondiam na mesma lingua, explicar Camões em português corrente.

Quinze franceses, não é muito na verdade mas já é agradável de saber-se, pelos cuidados do prof. Le Gentil e do dr. José Manuel da Costa, preparam este ano o seu Certificado de Estudos Superiores em Português.

Um lusofilo entusiasta, Antoine Evin, que prepara um doutoramento no Instituto de Arte e Arqueologia, apresentando como tese um estudo sobre o estilo manuelino, organizou mesmo, com eles e com outros, um Grupo de Estudos Portugueses. Mais bando de amigos que circulo de estudiosos, se quizerem mas, com certeza, optima maneira de fazer cimentar e irradiar o amor da lingua e das coisas de Portugal.

★ ★ ★

Todos nós, os portugueses de Paris, artistas, jornalistas, estudantes, porque somos poucos e dispersos, e porque seria idiota ensimesmarmos-nos em conversazinhas privadas, passamos os dias, as semanas, os meses a falar francês para que nos entendam, como é, de resto, natural.

Só ao Francisco Smith não acontece isto.

Pelas paredes de três exposições, no espaço destes ultimos três meses, insistente, suave, sem desfalecimento, o Smith continua a falar português.

Ora são as ruelas frescas e lavadas de sol dum recanto imaginario de Lisboa, ora as prôas bem cortadas das fragatas que se alinham junto do cais pululante de varinas e bordas-de-agua, ora o lirismo resignado de três meninas que se aconchegam, sonhando quasi, no varandim duma janela provinciana cheia de rosas de trepadeira, ora a alegria colorida e alacre dum arraial que dança, ora dois namorados que se enlaçam, românticos, sob a sombra duma vinha alta, ora... sei lá quantas memorias, quantas saudades portuguesas que se condensam numa pintura sem habilidades, humanissima e clara.

E, coisa que só lhe acontece a ele, falando português, todos o entendem, todos o admiram... e ha quinze anos assim!

Talvez que em Lisboa, quando o viram no verão passado, ninguém se apercebesse desta coisa extraordinaria.

Paris, 28 de dezembro de 1934.

ANTONIO PEDRO

Os «Autos Pastoris» da Figueira da Foz Dez minutos

(Uma carta em que se prestam alguns esclarecimentos)

Do sr. Cardoso Marta, escritor e investigador afamado, recebemos a seguinte carta:

«Presado Amigo:—No seu apreciado jornal, da ultima sexta-feira, deparou-se-me um artigo subscrito pelo distinto jornalista sr. Augusto Pinto, sobre os «Autos Pastoris» que ainda hoje vão á cena na Figueira da Foz pelas festas no Natal, Ano Bom e Reis. Dada a minha qualidade de figueirense e, por consequencia, não me sendo o assunto inteiramente alheio, permitto-me, com vénia do autor, opôr alguns leves reparos áquele artigo.

Em primeiro lugar, os «Autos» não são de exclusiva localização na Figueira, como supõe o sr. A. P.; em varios pontos do Minho, Trás-os-Montes e Beiras se representam (Teof. Braga).

Tambem a sua origem não é de feição culta, mas sim transformação ou adaptação popular dos autos hieráticos que na meia idade se desempenhavam nas igrejas e mosteiros, e «ão poderosamente influíram no genio criador de mestre Gil. A tradição manteve-se; mas como não corriam impresos, os «Autos» da minha terra foram-se alterando nas diversas cópias, com a adjução de novas cenas e novos personagens. No seu estado

actual, devem de remontar ao acaso do século XVII ou ao diluculo do seguinte, opinião subscrita pelo proprio Anibal Fernandes Tomaz, citado pelo articulista.

Quanto á sua divulgação impressa, posso informar, que, ha cerca de 25 anos, (não posso precisar, porque estou longe dos meus papeis), publiquei as primeiras cenas dos «Autos Pastoris» no semanario local «A Voz da Justiça», para uma edição que projectava. (1)

Da enumeração dos personagens dos «Autos» depreende-se que o unico anjo ali nomeado é a «Passarola». Não é assim. Varios desses incolas celestes esvoaçam na peça; e só em certa altura, numa cena com aquela designação é que os zagaes acordam sobresalto, ouvindo o ruflar das asas dum anjo rutilante, ruído que eles atribuem a «Passarola». Como é sabido, essa era a designação popular do aparelho voador do padre Bartolomeu de Gusmão. Por sinal que é esta a unica cena dos «Autos» a que se pode atribuir epoca mais ou menos exacta.

Já me esquecia notar a errada designação dos séculos, baptizados, na 2.ª columna do artigo, como de 800 a 900, quando era aos de 700 e 800 que A. P. se queria reportar.

Concluindo: o escrito do sr. Augusto Pinto é traçado com vivacidade e bom humor, e nascido da saudade dos bons tempos em que ele, «idoso» de 4 ou 5 lustros, conversava as costureirinhas do Roque ou do Zé Guia que, pelas noites arrepiadas do inverno figueirense, concorriam a ver os «Autos». Simplesmente ha que soprar algum polvilho de fantasia, desculpavel em quem «ha 20 anos bem estirados que não vê «presépios».

Não são das menores fantasias os desenhos que acompanham o artigo, obra dum artista que nunca viu o que debuxava, sob indicações que lhe fornecia o autor do escrito.

Publicarei fotografias directas e, portanto, mais documentarias, a valorizar um longo artigo que, em fins de outubro ultimo, entreguei ao illustre director de «A Lingua Portuguesa», sr. dr. Sá Nogueira, para a homenagem que essa revista de cultura vai prestar ao mestre eminente, dr. Leite de Vasconcelos.

Pela publicidade destas linhas, a muito obrigará o antigo amigo:—Cardoso Marta.

(1) Está preparando uma edição integral o sr. dr. Armando Coimbra, competente professor do liceu de Aveiro.



Caetano Beirão

O sr. dr. Caetano Beirão foi um dos premiados do concurso literario do Secretariado de Propaganda Nacional. O seu livro «D. Maria», trabalho de largo folego historico, que a critica consagrou como merecia, obteve, em honrosa concorrência, o premio Alexandre Herculano. E', pois, uma imagem da actualidade, com interesse para o leitor literario.

O sr. dr. Caetano Beirão, numa rapida entrevista, que não foi além dos dez minutos taxativos desta secção, expôs-nos os motivos que o levaram a realizar o seu estudo historico. Ellos: —«D. Maria» pertence a um periodo mal estudado da nossa historia sobre o qual ainda se não tinham feito investigações de profundidade. Sobre ele corriam tantas fantasias, como errados juizos.

—Trabalho demorado... —Não só demorado, mas aturado, que consumiu o melhor de quatro anos de consulta de documentos, de investigações nos arquivos, de leituras, etc. Parte importante da obra são as seiscentas cartas escritas pela rainha, descobertas quasi por milagre.

—Como assim? —Foi por uma carta do nosso embaixador em Madrid, D. Francisco de Sousa Coutinho, para o governo português, existente no arquivo do ministerio dos Negocios Estrangeiros, no qual ele relata ter-lhe dito o conde de Floridablanca que o rei de Espanha havia recebido cartas particulares da soberana portuguesa, que eu encontrei esse precioso manancial de correspondencia.

—Foi, pois, por essa correspondencia que reconstituiu o retrato moral da rainha?

—Em parte, claro! Ela se revela o seu feitio ordenado, esculpido, e uma alta preocupação de verdade e de equidade.

E, com um sorriso: —Ao contrario do que se podia supor, visto que ela morreu doida!

—Como trabalha a historia? Qual o seu criterio?

—Eminentemente objectivo. Exponho documentos, vindos das fontes directas á análise dos leitores, dando-lhes inteira liberdade para tirarem as conclusões.

—Tem alguns trabalhos em mãos?

—Estou preparando um estudo sobre as cartas da rainha D. Mariana Victoria, mulher de D. José. E' tambem um achado interessante que se me deparou nos arquivos espanhóis...

—E são muitos?

—Mais de mil, e com elementos inéditos, subsidiarios em grande parte do reinado de D. João V e de D. José.

—Qual a impressão que teve ao ser-lhe conferido o premio Alexandre Herculano?

—Constituiu para mim uma grande satisfação espiritual o voto unanime de pessoas de competencia e da categoria dos julgadores, e o facto de concorrerem obras de grande merecimento, o que fazia que nem me surpreendesse, nem me desconsoasse uma diferente decisão do jurí.

A vitoria de Ruth

(Continuação da 2.ª pagina)

fogo que me queima a garganta: trago nela todas a imprecações de Israel. Depois põe-te á porta da tenda e se alguém vier no meu rasto, responderás:—Não está cá... Que bem vou dormir, sob a tua guarda! Quando despertar, serei outro homem e tu aprenderás logo a ser mais gentil e menos ironica, com o teu hospede.

Jahel.—Farei quanto me pedes e mais: afastarei do meu poma: os passarinhos, não vão eles incomodarte com as suas orvalhadas canções.

Pasados cinco minutos, Sisara ressona com estrondo. A massa enorme do seu tórax de barbaço parece um tronco de roble deitado por terra. A sua respiração cava e funda produz sons roucos e entrecortados de sobresaltos que traduzem o pavor animal da carne ameaçada pelo rugir de fera que vagueia perto.

Entretanto, Jahel ajoelha e medita rogando a Deus que a não desampare, vista ter de subjugar a propria natureza para cumprir a sua dura missão. Assim que se levanta, compõe os cabelos e as roupagens, sussurrando: —«Alma que me alentas, mostra-te

rude e forte! Não tremas, que os antepassados são por ti e Israel reza comigo. Se um soluço abalasse a tua compostura, a liberdade dum povo não teria a duração da gota de orvalho formada na folha dos cardos.

O sangue de Hobab foi afrontado em Heber, meu esposo e meu senhor, e tu não transiges com a malvadês.

Decide-te pois, e ensina ás gerações como Deus escolhe os seus servos».

Pé ante-pé, Jahel, com a expressão austera e justa de quem cede a uma vocação imperiosa, abre um velho cofre de couro lavrado e subtilmente tira um comprido prego e um martelo e diz:

—Piedade de mulher, torna-te cruel para seres abençoada!

Em seguida caminha para Sisara, descomposto na sua grotesca defecção, e sem uma fraqueza trespassa-lhe o cranio com o prego a poder de marteladas. Jahel, terminada a sua obra, vem á porta da tenda e, virada para o sol nascente, brada:

—Luz divina que o mundo alumias, absolve-me e purifica-me!

Repentinamente, num furacão de

lume, rompe um tropel de cavaleiros que, notando Jahel, lhe pergunta:

—Sabes, formosa cinéa, onde se esquivava Sisara?

—Ela contestou:

—Quem vos comanda?

Destacou-se Barac:

—Estarei tão mudado que me não reconheças?

—Não estás mudado, mas sim varonil e soberano. Ainda tu não tinhas falado, já eu te saudava, como o mais digno e o mais perfeito dos hebreus. Todas as mulheres de Israel sabem quem tu és, mesmo sem te verem. E's a alegria das nossas lagrimas.

—Não posso demorar-me, se não satisfazes á nossa curiosidade ofegante: —Onde se refugiou Sisara?

Apeia-te, penetra na minha casa e entregar-to-ei.

Não é mais veloz o tigre ou a panteira, quando, famintos, se precipitam sobre a cubiçada presa. Num salto, Barac tropeçou no cadaver do inimigo:

—Que é isto? Poste tu a eleita, a designada pela colera celeste? Inclino-me perante a mulher que cerrou a vitoria na mão de Jehovah.

—Eu, sorriu Jahel, prostro-me, perante o chefe que reduziu a pó as algemas do cativo.

Neste instante, Ruth, suave aparição, deliciosa adolescência casta e morena, no fulgor pleno dos seus olhos quimericos, insinua-se brandamente, entre Jahel e Barac. Estremeceu o guerreiro e dos seus labios manou a seguinte saudação:

—Bendito o ventre que te criou, Ruth!

Jahel acrescentou:

—Que o valor do teu animo seja o leal apoio das esperanças que em nós semeou a palavra de Deus.

Ruth, fascinada pela ousada e soberba presença do jovem capitão, aventou receosamente.

—Como vieste ter connosco?

—Atraído pela lembrança do teu nome e pelo anuncio que Debora me fez:

—Vencerás, mas outra vitoria mais alta alcançará de ti uma mulher.

3 de Janeiro de 1935.

JOAQUIM MANSO

GUIMARÃES & C.ª — Editores

68, Rua do Mundo, 70 — Lisboa

Apresentam

2 novos romances policiais

**O CRUCIFICADO
O REI DOS BANDIDOS**

Estes sensacionais romances são da autoria de

CONAN DOYLE

o mais celebre de todos os escritores policiais

Cada volume de 80 paginas, formato elegante, impresso em bom papel, com capa illustrada, custa apenas

2\$50

Volumes publicados:

- N.º 1 — O ROUBO DO BRILHANTE AZUL
- 2 — O BANQUEIRO ASSASSINADO
- 3 — O CRIME DUM JOGADOR
- 4 — UM PREGO NO CRANIO
- 5 — A FILHA DO USURARIO
- 6 — A PRISIONEIRA DO SUBTERRANEO
- 7 — O HOMEM DA MAO DEFEZADA
- 8 — 500.000 FRANÇOS ROUBADOS
- 9 — A SOCIEDADE DOS 13
- 10 — O ATLETA DESAPARECIDO
- 11 — O REI DOS BANDIDOS
- 12 — O CRUCIFICADO

A' venda em todas as livrarias

«A ROMARIA»

Pedi-me Antonio Lopes Ribeiro que escrevesse, para este numero literario do Diario de Lisboa, um breve artigo sobre premios literarios. Em principio, poderia escrevê-lo—um artigo de generalidade. Como, porém, succede que me foi conferido um dos premios literarios do S. P. N., tudo quanto escrevesse, por teorico e abstracto que fosse, forçosamente seria mal interpretado—ou num sentido, ou noutro, ou porventura em todos.

Prefiro, pois, abster-me, sem todavia me abster, e assim substituir ao artigo, cujo tema me foi proposto, uma referencia sucinta a um dos premios do Secretariado que—dado, a meu vêr, justissimamente—teve a vantagem de revelar um admiravel artista. Refiro-me, como é de supôr, ao padre Vasco Reis e ao seu poema adoravel A Romaria.

Em seu paganismo cristianissimo, em seu sobrenaturalismo humano, esse poema é organicamente português.

O poema é cristão no sentido particular de catolico e por isso mesmo é pagão. O catolicismo—cujos meritos ou defeitos, sociais ou outros, não tenho aqui que examinar—tem a singularidade notavel, provinda talvez do que nele resta de Imperio Romano, de ser, ao mesmo tempo que universal, particularizado em cada região onde existe. A Igreja de Roma é como um regime de municipios morais centralizado num imperio imponderavel. Vasto sistema sincretico, tanto a podemos considerar uma sobrevivencia do paganismo como uma transmutação dele. E em cada país onde essa religião existe, esse paganismo sobrevive, ou se transmuta, de uma maneira peculiar. Nisto se assemelha a Igreja á Ordem Maçonica, ressaltando que nesta não ha elementos pagãos.

Entre os portugueses, em quem, em meu entender, a emoção supera a paixão—e é isto, creio, o que radicalmente nos distingue dos varios espanhois—o catolicismo assume naturalmente o que poderemos chamar o aspecto franciscano, que é, por assim dizer, o aspecto essencialmente emotivo do cristianismo catolico.

Do paganismo latente no catolicismo não se manifesta em nós o aspecto estético, como diversamente nos italianos e nos espanhois, nem o aspecto imperial, como diversamente nestes e nos franceses, mas o aspecto dispersivo e fluído, proprio de tudo quanto a emoção conduz. O nosso catolicismo é sem contornos—uma meiguice religiosa, preguiçosamente incerta do em que realmente crê. Por isso o nosso vero Deus Manifesto é, não o Deus uno e trino, ou qualquer das Pessoas da Trindade, mas um Cupido catolico chamado o Menino Jesus. Porisso não curamos de Maria Virgem, mas só de Maria Mãe. Por isso os nossos santos autenticos são um S. João Baptista menino—isto é, de muito antes de ele ser Baptista—ou um Santo Antonio, concebido irremediavelmente como um adolescente infantil, cuja função distintiva—a de concertar bilhas—é um milagre-brinquedo. Quanto ao Diabo, nunca um português acreditou nele. A emoção não permitiria.

O padre Vasco Reis—a quem Deus fez ser franciscano para fins simbolicos—pertence portuguêsmente a este catolicismo amoroso. O seu livro, fortemente concebido e suavemente realizado, vive numa atmosfera de ternura e de luz, como numa Hêlade de bruma molhada de sol. Não conheço livro, em prosa ou verso, que interprete tão pagamente, tão cristãmente, a alma religiosa de Portugal. E por trás disto tudo paira—fundo contra que o visível se destaca—qualquer coisa de imprecisamente emblematico, de coordenadamente incerto, com que se comove, não propriamente a emoção, mas a intelligencia. Isso, porém, já não é Portugal: é talento.

FERNANDO PESSOA

SORTES GRANDES

só a casa COSTA, LDA. os vende
80 — Rua da Prata — 62

Transcreve-se um trecho e os dois sonetos finais do auto lirico de VASCO REIS, que teve o PREMIO ANTERO DE QUENTAL 1934 e que FERNANDO PESSOA, autor do livro «Mensagem», também premiado, aprecia e comenta

BOLCHEVISTA

Não creio em Deus... Se existe, é um Deus tirano, atroz.

CEGO
(melancolicamente)

Um Deus que sobre a Cruz morreu por todos nós...

(com tristeza)

Eu sei... eu sei como é
Que um crente perde a fé...

BOLCHEVISTA

E ao ver capitalistas arrogantes,
Impando de prazer,
A jogar, a comer,
Em bailes, chás dansantes,

E os pobres desprezados, sem sustento,
Gemendo em sofrimento,
Não sente a indignação
Ferver no coração?

CEGO

Amigo, neste mundo a Dôr é companheira
Da Humanidade inteira...

Ouviste certamente, em tempos de criança,
Narrar a morte em cruz
uma ovelhinha mansa
—Jesus...

Deves lembrar-te:

em ansia, em dôr incompreendida
Jesus caíra exausto. E a turba empedernida
Rogara o Cireneu...

E então o vermezinho,
Rasteiro, fraco e humilde—o fragil barro—Adão
Erguera a Cruz dum Deus...

E em Dôr-propiciação,
Jesus e a Humanidade escalam o caminho
Que vai direito ao céu...

Jesus o quis; e o Cireneu foi a figura
Da humana criatura
No misterio sem par da Redenção...

BOLCHEVISTA

O pobre geme em prantos e torturas,
Pisado como a uva no lagar...
O mundo é cheio de ansias, de amarguras,
De chagas, de leprosos, de aleijões,
De cegos, de pedintes, a chorar...

A Dôr!...

E Deus?

E é Deus que atira ao rico esbanjador
A mesa farta, a gloria e fama, oiro aos milhões?!

CEGO
(misteriosamente)

Engano, amigo! A Dôr Deus a reparte
Com regra, proporção, divina arte...

Vê, na citara, a corda mais fininha;
Profero em voz aguda e sumidinha,
Um gemido de dôr...
Tu dirás: Coitadinha!
Que dôr!...

E o ultimo bordão, repara, que arrogante!
E que emproada voz tão grossa e petulante!
Que rancos de comando e presunção!...

E tu dirás: que rico «fá-bordão!»

E vai-se a ver
... Têm ambas a mesma afinação...

E ambas igualmente angustiadas,
Torcidas por igual, crucificadas,
O mesmo hão de sofrer...

Supõe agora tu que o afinador
Tentava alevantar á ultima oitava
«O fá-bordão»...

Suspirava, gemia, agonizava
E estalava,
No excesso da dôr...

Ora Deus não é mau afinador...

—Aa em perpetuo vô—teimosa esp'rança
Talvez requieime o sol, o verme, a flôr...
Existe em todos nós o tentador
Tormento do Desejo que não cansa.

Adoro, em pura arte, o Criador
Fecundo de harmonia, na mudança,
Que dá, ou na tormenta ou na bonança,
Um só misterio de sorriso e dôr...

Das almas e da Vida a Romaria,
Que Deus ordena ás ansias da Ventura,
E' una, traduzida em varios modos,

Iluminada en grã policromia...
São varios os caminhos... porventura
O cansaço de andar, igual em todos.

«Bolchevista, Miguel», ingenuo bando
De alegres raparigas...

um momento,
Sobre vós debruçei meu pensamento,
Em todos um só drama investigando...

Murmurios de oração, desvairamento
De incrédulos e de impios blasfemando;
Homens a uivar de dôr, homens rezando,
—Em todos julguei ver um só tormento...

E a todos desejei que um Santo amigo,
Com taumaturga mão, mostrasse Deus;
E disse a Frei Antonio:

«E's português;

E's bom e humano; és santo—anda comigo!
Sê prodigo connosco, atende os teus!»
—E o Mal foi nuvem (Dôr), que o sol desfez...



MOVIMENTO LITERARIO

A livraria Editora Guimarães & C., prepara as seguintes edições:
A sair em janeiro: *Torel*: Norte 5853, por Artur Inês. *Iniciação Literaria*, de Faguet (nova edição). *Viagens na minha terra*, de Almeida Garrett (nova edição).

Em fevereiro: *Eternidade e Terra Fria*, de Ferreira de Castro (novas edições). *Heróis desconhecidos*, pelo dr. Sousa Costa. *A Criação do Pombo*, edição profusamente ilustrada, por Leão Maia. *Lourdes*, tradução de E'mile Zola.

OS MISERAVEIS

Este grandioso romance, de Victor Hugo, de onde foi extraído o filme em exhibição, encontra-se á venda nas livrarias

8 vol. brochados, 32\$00 — Encadernados em dois vol. 40\$00

PEDIDOS Á

Livraria Guimarães & C. — 68, Rua do Mundo, 70

LETRAS CONTEMPORANEAS

Um capítulo do romance "O DIREITO DE AMAR"

de Manuel Campos Pereira

O romance, que durante um período recente, não teve, como é uso dizer-se, «muito partido» entre os escritores de língua portuguesa, surge agora numa prometedora e animada fase. Depois da «geração» de Aquilino (as gerações literárias sucedem-se rapidamente...), a de Ferreira de Castro. Actualmente, aparecem novos nomes: José Régio, João Gaspar Simões, Castelo de Morais, Manuel Paço d'Arcos...

Manuel Campos Pereira pertence à última geração literária — e à última geração «de facto». É um «menos de trinta anos». Mas o talento e aquela série de inconfundíveis que caracterizam os escritores de raça, não se sucedem nem a palmas nem com o calendário. Depois de Cabeças Loucas, em que já se afirmava prosador cheio de recursos, o seu romance O Direito de Amar, veio chamar para ele a atenção de todos os que lêem, tal é a clareza das ideias, a limpidez do estilo e o sentimento do que seja verdadeiramente um «romance».

Eram três horas da madrugada, e Pedro escrevia ainda.

Sobre a secretária, como o pescoço de um cisne, curvava-se o candieiro eléctrico, espalhando pelo escritório, a penumbra vermelha do abat-jour. Lá fora, na larga avenida, o silêncio era perfeito, absoluto, — produzindo a sensação quasi sinistra de que tudo parara, e que só naquele gabinete a vida se movia. Através das cortinas transparentes, enxergavam-se, um tanto sumidas, as luzes da via pública, tam debeis como estrelas, num céu beijado de luar.

De onde em onde, uma buzina ou outra, cortavam o ar serenissimo, enquanto a palida lua, ia barrando de prata os telhados fronteiros.

Pedro sentia-se fatigado, mas escrevia ainda. O mais infimo ruído fazia-o parar, como se nele se concentrasse toda a sua ideia. Depois prosseguia, arrastado pela febre da inspiração. E era feliz, deixando correr a pena ao longo do papel, como se, com esse movimento, estivesse alcançando em toda a imensidade, o seu amor impossível.

Em frente de si, estavam as primeiras folhas, escritas pela manhã — aquelas folhas onde ela, a sorrir, demorara a infinita claridade dos seus olhos.

Um leve bulício, levou-o a fixar distraidamente esses papéis escrevinhados à pressa, deixando ver uma letra incerta e nervosa, que desvelava o cego entusiasmo com que fora traçada. Entretanto, o silêncio voltara, mas os seus olhos pregados naquelas letras, foram lendo insensivelmente:

«Chamava-se Violeta...»

Violeta era o seu nome candido espiritual e triste, como a flor pequenina que na orla dos canteiros ou no colo das virgens, põe uma suave mancha de melancolia e de cor... Nome mais doce e perfumado que a camélia de plumas, onde se enlanguescia a divina Salammbô; nome que, ao crepúsculo do outono, anda na boca das floristas da rua, — que aromatiza todo o ar envolvente...

Era esta a sua graça — mais ardente que um primeiro beijo, mais odorosa que um ramo de junquinhos, mais cantada que um verso nas voltas das vindimas...

Violeta era o seu nome de amor, inebriante e cáldo como a derradeira gota que se busca na taça dos prazeres; sensibilizante e blandicioso como a folha ressequida que se encontra num livro de Horas; — nome que ante o minúsculo lago baptisimal, quando a água toca de leve uma cabeça loira — os lábios murmuram: «há de ser linda!»

Violeta...

Não suspiram melhor as valsas de Veneza; não triam mais frescas as matinais cotovias...

Era este o seu nome de amor...

E não era triste a Violeta, como aquelas que se escondem nas cartas amareladas; como as que nascem nas campas ou se vendem como saudades à porta dos cemitérios...

Violeta tinha a alegria e a graciosidade de um primeiro fio de sol que



MANUEL CAMPOS PEREIRA

entra pelas janelas de uma alcova feliz... Era loira, de um loiro claro e fino como se mãos magnanimas e prodigas, houvessem atirado um mar de ouro, revoltado em ondas mil, sobre a sua cabecinha pequena; e os seus olhos, enormes e cintilantes, tinham o doirado estranho, dos reflexos do sol nascente sobre o verde plano do mar...

Quando ela caminhava pelas ruas, com ar apressado, relanceando as vitrinas, mirando tudo com um longínquo sorriso que perfumava em roda, era como um sonho olhá-la — tam leve, tam discreta, tam infinitamente linda...

Foi num desses passeios, numa serenissima tarde de outono, que a vi pela primeira vez...

Um rodar de chave na porta da rua, fê-lo erguer dum salto. Num momento, estava no corredor. Uns passos que pretendiam escusar-se ao ruído, aproximavam-se lentamente.

— Quem é — balbuciou Pedro num ciclo.

— Sou eu... Alvaro...

Na meia penumbra Pedro já divisava a figura do irmão, que caminhava cautelosamente, roçando os dedos pela parede, talvez para evitar os cambaleios do corpo.

— Ah, és tu... Entra que precisamos falar.

Alvaro entrou sem uma palavra, enquanto Pedro o seguia. Deixou-se cair ao acaso numa poltrona, e só então perguntou em voz rouca:

— Tu ainda aqui... A estas horas...

De pé, com as mãos energeticamente fincadas nos bolsos, o escritor fixava-o.

— É verdade. Esperava-te... Resolvi não me deitar sem que voltasses. É a única hora em que podemos conversar à vontade...

Alvaro pousava, no irmão, os olhos vitreos e cansados. Tinha um cotovelo apoiado no braço da poltrona, e a mão tremendo sobre uma das fontes. Na meia sombra dos dedos, o seu rosto tomava o tom azul de um cadáver. O cabelo numa madeixa, tombava-lhe para a cara — escurecido sob a luz peneirada pelo abat-jour.

Na alma de Pedro, passou uma nevoa de indescritível piedade. O homem que estava defronte de si, dir-se-ia uma sombra da morte. A seus olhos, apenas brilhava agora a feição dos dentes, que os lábios brancos mal descobriam. Reparou que o peito dele arfava numa fadiga interior, uma fadiga que já lhe andava pelo sangue; e insensivelmente, notou que tinha o colete meio desabotoado, talvez para inspirar melhor o ar que lhe faltava.

— Isto não pode continuar assim! — exclamou finalmente. — Essa maldita cocaína, arraza-te! Lembra-te ao menos que tens uma filha, com mil demônios! É uma vergonha para todos nós!

Alvaro levantou-se a custo. Olhou

um espelho fronteiro, compôs maquinalmente o cabelo, e retrucou numa entoação magoada, que pretendia ter ironia:

— Era só isso que me querias dizer? Has de concordar que já estou caduco para receber reprimendas de um irmão mais novo.

Cambaleou, quasi sem forças, e tornou a sentar-se abandonadamente. Depois passou a mão pela testa e prosseguiu noutro tom:

— A vida é insuportável, meu velho! Se não fossem estes pedaços de artifício, morreria como um cão... Ainda estou para saber onde se encontra a chamada alegria de viver...

Meio compadecido, meio apiedado, Pedro não tirava os olhos do confrangido aspecto do irmão e quasi lhe pareceu que ele falava verdade. Contudo, como se o seu pensamento caísse fortuitamente na deliciosa figura de Margarida, bem depressa aquela concordância lhe virou a face. E, sem poder reprimir a íntima revolta, vociferou:

— Tu não podes falar desse modo! Não é com filosofias de vintem, que consegues justificar a tua vida miserável!

— O quê?

— Miserável, sim! Pois tu querás que lhe dê outro nome? Quem possui, como tu, uma filha e uma mulher tão dignas de estima, é um verdadeiro miserável, quando envereda pelo caminho que tu trilhas...

Alvaro fixou-o com um riso sarcástico, e comentou abatido:

— Isso de me insultares na minha própria casa, é de veras interessante...

Exaltado e nervoso, Pedro deambulava de um lado para o outro:

— É na realidade interessante e louvável, se acrescentares que o faço para manter a dignidade desta tua casa! Sabes bem que até à minha chegada, não éramos mais que dois estranhos... Porém, hoje conhecemos-nos melhor, e eu, talvez infelizmente, considero-te como um verdadeiro irmão... Tenho feito por ti, por todos vós, aquilo que me tem sido possível e impossível...

Calou-se a olhar uma estatueta, que parecia sorrir e escarnecer das suas ocultas intenções. E no entanto, ele falava sinceramente, no puro desejo de regenerar aquele desgraçado irmão. Mas a estatueta sorria, a interpelá-lo mudamente:

— «E o teu amor? E o teu amor? Julgas acaso que te podes fazer acreditar a ti próprio?»

Alvaro ergueu-se de novo, com o mesmo esforço que despenderia para levantar um corpo morto. Abeirou-se da secretária, tomou na mão um pequeno relógio de ambar, e observou:

— Está bem. Queres atirar-me à cara com os teus empréstimos, não é assim? Estás no teu plenissimo direito...

Sem despregar os olhos da estatueta que o enervava, Pedro tentou conciliar:

— Não se trata disso. Apenas te fiz sentir que tenho sido para ti um verdadeiro amigo... E como amigo, mais ainda do que como irmão, acho que tenho o direito e o dever de te apontar as faltas... Andas aí esquelético, quasi um morto; trazes a tua pobre família ao abandono, quasi na miséria, — e achas que devo rir e dizer-te que navegas em rosas?

O escultor curvava-se sobre a secretária, a ler distraidamente os papéis escrevinhados por Pedro. E ia repetindo resignado:

— Está bem... está bem... Tu é que tens razão... Sou um jogador e um canalha...

Mas Pedro não o escutava; nem sabia mesmo o que estava dizendo. Aquela estatueta irritava-o, como se lhe penetrasse o mais íntimo das ideias, sem modificar o sorriso zombeteiro, quasi escarminho.

— Quem fez este boneco? — perguntou subitamente. — Foste tu?

Alvaro voltou o solhos para a estatueta, e murmurou:

— Fui. Representa o Destino...

— Pois irrita-me aquele espantalho! — disse Pedro, aproximando-se da luz.

O irmão sorriu, um tanto esquecido das impressões que ouvira:

— Já vejo que fiz uma bela obra. Na verdade, não ha ninguém que não se irrite ao encarar o Destino...

Ia falando a relancear e a folhear os linguados que se espalhavam sobre a escrevaninha, como varias estradas que se cruzavam em diversos sentidos. Pedro, infantilmente sobresaltado, seguia-lhe os movimentos. E parecia-lhe que ele lhe poderia descobrir o segredo da alma.

Houve um curto silencio, apenas cortado pelo tic-tac do pequeno relógio e pelo mover das folhas.

— É a tua nova obra? — indagou por fim.

— É... Trata-se de um estudo psicológico, sem pretensões...

— Fez-se um novo silencio. Depois Alvaro comentou:

— Violeta é um nome bonito. Nunca conheci nenhuma...

Pedro só encontrou uma resposta:

— É difícil arranjar um nome gracioso para uma mulher...

O irmão não replicou. Fixava tam atentamente uma passagem do manuscrito, que o escritor estremeceu. E, calmamente, levantando os olhos para ele, como a estudar-lhe o efeito das suas palavras, disse a sorrir:

— Tem graça... Por duas vezes que ia escrevendo «Margarida»...

Pedro sentiu-se esfriar totalmente, como se lhe passassem um fio de gelo pelo corpo. Tinha diante de si aquela mascara, que o espiava com a mesma fleugma da estatueta; e, na meia penumbra do abat-jour, aquele rosto livido afigurou-se-lhe uma caveira a rir lugubremente. Não pôde decifrar quantos segundos durou a sua vacilação. No cerebro, ia-lhe uma desordem de loucura, um avido rebuscar de uma justificação convincente. Porém, os seus lábios moveram-se, providenciais:

— É natural... Vivi com uma dois anos... Ainda hoje lhe sinto a força...

E perguntava a si proprio: «Teria ele percebido, meu Deus? Quantos minutos levaria eu a responder?»

Mas Alvaro, sem-cerimoniosamente, espreguiçava-se:

— Vou-me à deita... São quasi cinco...

Pedro, extático, defronte dos papéis, denunciava a um olhar prescrutador a sua indomável perturbação. Depois, como unico assunto que lhe ocorreu, balbuciou:

— Quinta-feira são os anos da Mimi...

— É verdade — corroborou Alvaro, que parecia abstracto, a tamborilar com os dedos no rebordo da secretária. — São os anos da Mimi...

Passeou a mão pela cabeleira e murmurou num fio:

— Pobre Mimi!

O escritor não achava uma expressão, um comentário que o fizesse sair daquele desaire condenante. Tudo se lhe varrera do cerebro, para dar lugar apenas a um nome:

«Margarida».

Por fim, perguntou inconscientemente:

— Dás festa?

— Sei lá... Agora vou-me deitar, que estou derreado...

...

Após a saída do irmão, Pedro deixou-se cair numa cadeira, fulminado. Em todo ele perpassava o receio horrível de que Alvaro houvesse suspeitado da existencia do seu amor. Levantou-se de um pulo, e foi examinar os papéis. Com efeito, logo a seus olhos se deparou uma meia palavra, riscada mas claramente legível: «Margarida». Mais adiante, noutra folha, viu novamente: «Marg.», sem um risco que encobrisse toda a hediondez do seu crime.

Querendo raciocinar, coordenar ideias cobriu o rosto com as mãos. Mas tudo era inutil. Aquele nome, como chama recrudescente, queimava-lhe os miolos. E, quando retirou os dedos das faces ardentes, os seus olhos caíram de novo na estatueta, que sorria — que sorria sempre...

Malinhas para senhora

Os ultimos modelos de Viena d'Austria são apresentados pela Casa das Malas. Nesta casa encontraréis: artigos luxuosos a preços razoáveis e artigos baratos de qualidade superior. 110, Rua da Prata, 114 a esquina da R. de S. Nicolau.

INFORMAÇÕES FOX TELEFONE 22737 CAIXA POSTAL 181 R. CONVENTO ENCARNACAO 22-A-Rocio

O PANORAMA LITERARIO PORTUGUES

Bourbon e Menezes**responde ao nosso inquérito**

—Que pensa do nosso actual momento literario? Parece-lhe que a literatura portuguesa atravessa uma fase de crise?

—Crise? Mas não ha crise nenhuma, nem sob o ponto de vista qualificativo das obras produzidas, nem sob o da compensação material que aos seus autores advenha da expansão e venda delas. Tivemos no final do século XIX uma floração mental positivamente maravilhosa. Comparado com esse periodo riquíssimo de valores excepcionais, sem duvida que o nosso presente panorama literario é inferior. Mas esse periodo foi, pela conjunção de tantas e tão eminentes personalidades, cujo valor se afirmou nas mais diversas modalidades da criação literaria e intelectual, um momento verdadeiramente singular, como se não descobresse outro equivalente em toda a nossa historia e para o qual difficilmente se encontrará semelhante na dos países onde o genio literario subiu a maiores alturas... Não temos hoje um Antero, um Eça de Queiroz, um Oliveira Martins? Evidentemente! Não nos dá, porem, esta verificação a autoridade bastante para asseverarmos —ou sequer suspeitarmos— que a literatura portuguesa esteja em estado comatoso... O genio da especie não se cansa de produzir idiotas, mas quando dá á luz dois ou três homens superiores necessita de repousar por largo tempo na multiplicação das mediocridades. Não sei, nem ninguém sabe, quando será que teremos novamente, um genio poetico como o de Antero, um artista da prosa como Eça de Queiroz ou um poligrafo de tão fortes e variados recursos como Oliveira Martins... Não julgo, entretanto, que haja motivos serios para nos desconsolarmos no tocante ao merecimento dos homens que, no instante que passa, carregam sobre si a representação das nossas colectivas aptidões literarias. Teixeira de Pascoais, que tem na grafia de que padece o pior inimigo da sua obra, é, digam o que disserem os seus retractores, um poeta admiravel, de alto voo lirico, que na historia da poesia portuguesa deixará uma nota de espiritualidade originalissima. A sua *Elegia do Amor* é um milagre de lirica beleza, que se pode pôr a par do que mais belo nos deixou Camões e João de Deus... E Americo Durão? E Candido Guerreiro? E Mario Beirão? E a figura gentil e dolorosa de Florbela Espanca cuja sepultura ainda está fresca e cuja obra se enquadra na produção literaria dos nossos dias? Aquilino Ribeiro, prosador possante dum colorido e opulencia verbal inextinguíveis, tem na sua obra paginas de antologia. O seu *Malhadinhas* honra uma epoca literaria. Camilo, se tivera lido essa novela, tê-la-ia considerado da sua igualha. Não vale menos do que a *Brasileira de Prázinis*... E' pena que o romancista esteja muito abaixo do prosador...

—E' essa uma opinião curiosa e pessoal...

—Claro! Quanto a mim os romances de Aquilino são contos «soufflés». O que Aquilino Ribeiro me me afigura, plenamente, é um contista, um contista de magnifica linhagem. Ferreira de Castro, a quem a Academia das Ciencias acaba de conceder, com justiça, o Premio Ricardo Malheiro de 1934—e eu sou insuspeitissimo dizendo isto porque também fui concorrente com o meu volume de contos *Almas deste Mundo*—tem, para o romance, maiores faculdades construtivas. O seu ultimo livro, *Terra fria*—a despeito de certa precipitação que se nota no remate da obra, é um romance arquitectonicamente bem composto. Se a prosa de Ferreira de Castro continuar, progressivamente, a depurar-se de certas impigens que ele trouxe do Brasil—como dantes se trazia de lá a febre amarela—Ferreira de Castro hade ser, dentro de bem poucos anos, um escritor perfeito. Lastimo que ele se veja obrigado, dada a sua pretensão

Toda a obra de Bourbon e Menezes tem um cunho de oiro de sensibilidade e beleza. Não escreve para os outros, para colher os aplausos da galeria ou passar á immortalidade, sentando-se nos bancos de qualquer academia, mas para si, intimamente, subjectivamente, narrando-se em alma e coração. Dele se pode dizer que escreve com o proprio sangue, de tal maneira a prosa lhe sai palpante da pena, ofegante de vida, clara de idealismo ou em resacas dramaticas de revolta. Mais do que tudo—Bourbon e Menezes é um artista, que sabe lavar os periodos com o mesmo requinte dum ourives florentino da Renascença. Tem graça, donaire, perspectivas enlucradas de sonho lirico, e até mesmo clareiras de emoção, nevrotica, extra-lucida, que ele leva até ao irreal, chegando por vezes a dar-nos sensações puramente musicais. Bourbon e Menezes, como Barbey de Aureilly, sabe amar e sabe odiar. A sua paixão e a sua piedade não são superficiais, mas forças intimas que o sacodem e o desgrenham, arrancando-lhe ora gemidos, ora coleras selvaticas, que nos fazem estremecer pela veemencia corrosiva. Nunca banal, este Bourbon e Menezes que, com o seu nome elegante, a sua mascara de Cesar, enlucado, altivo, por vezes, sibilo no se aproximou do povo, sem o lisongear, e nada lhe exigindo.

Se a sua obra é, como dissemos um produto de sensibilidade, a sua attitude social, isolada de orgulho, justifica-se e compreende-se. Vive, porventura, demasiadamente de si propria—das analyses e reacções do ser, mas nem por isso deixa de se debruçar, com ansiedade e inquietação, sobre a chaga humana, cada vez mais aberta e mais funda, infectado o seu generoso sangue pelos mórbus da epoca.

Bourbon e Menezes como os musicos do «clavier» sabe tocar todas as telas da literatura. Percorre-as com incrível vertigem, em delirante fantasia.

«Paradoxos de Ademe», livro dum novelista; «Ronda da Noite», aguarforte, de traços incisivos; «Soliloquios Espirituais», jornal intimo, cortado de emotivas claridades liricas—entre outros, afirmam este escritor, que não disse ainda a sua ultima palavra, apesar de já ter escrito uma obra, que brilhantemente o individualiza, neste mar morto que é a literatura contemporanea.

de viver unicamente da pena, a produzir apressadamente, como se trabalhasse de empreitada...

—Não julga conveniente que o escritor viva da sua pena?

—Julgo-o inconvenientissimo. Tenho sobre esse ponto a excentricidade de perfilhar a opinião de Mallarmé: o escritor deve viver de tudo—menos da literatura... E reáto aqui o fio partido das considerações com que inicieei este colloquio acerca da nossa literatura de hoje. Porque é que, entre nós, tanto se fala em crise literaria? Precisamente pela pretensão que o escritor português hoje, tem de tirar da sua obra, tal qual os escritores dos grandes países, se não a completa independencia economica, pelo menos uma sensível compensação material do seu esforço. Quanto ganharia Eça de Queiroz com o *Crime do padre Amaro* ou o *primo Basilio*? Não sei, mas deve ter sido muito menos do que auferem, com os seus exitos mercantis de dois ou três mil exemplares vendidos em trinta dias, alguns dos nossos actuais homens de letras. Não creí possivel que o sr. Urbano Rodrigues arrecade muito mais com as suas *Cinco aventuras sem importancia* do que o divino Eça com a sua *Ilustre Casa de Ramires*... Eu creio. A Fialho de Almeida sei eu que foi oferecida, em troca de um volume de duzentas paginas, por um dos mais importantes estabelecimentos editoriais de Lisboa, uma quantia que corresponderia actualmente a alguns magros centos de escudos...

«Como pode o escritor português extrair da sua obra o seu sustento, a menos que se nutra de pão, se 65 0/0 da população portuguesa são analfabetos e dos restantes 35 0/0 a grandissima maioria se contenta com a leitura de jornais?

O escritor francês tem leitores em todos os cantos do mundo: o escritor espanhol dispõe tambem dum vasto publico europeu e americano. Nós teriamos o Brasil se os nossos livros tivessem ali a dessiminação e a acessibilidade de preço indispensaveis. O escritor português, a não ser á custa dum esforço absurdo, ou explorando a emoção politica, não pode, pois, viver das letras. Do norte a sul do país não creio que haja mil pessoas que possuam para deleite proprio bibliotecas superiores a 500 volumes... Lê-se hoje muito mais do que se lia ha trinta anos? Lê-se, mas ainda se lê pouco e, sobretudo, compra-se pouquissimo... A curiosidade mental do português medio, é, de resto, limitada enfada-o o esforço de ler e, para mais, tirante três ou quatro centos de pessoas, todas as mais vivem em Portugal em regime de dieta.

«E empenhar a camisa ou o relógio—como fiz tanta vez na minha mocida-

de—para adquirir um livro não é coisa que se exija á humanidade trivial...

—Em seu entender, o mercado literario português não piorou e, sob o ponto de vista qualificativo, a produção livresca actual...

—Temos valores autenticos em quasi todos os generos literarios. Onde a crise qualitativa se patenteia, manifestamente, é nos domínios da Critica. Ai, sim. Na Critica é que a nossa situação se revela, efectivamente, critica... O que se faz nos jornais, sob a vaga denominação de «critica literaria», é, com excepções tão raras que causam espanto, o nivelamento pelo elogio. Todos os autores são illustres e brilhantes, todos possuem fulgurantes predicações de estilista ou notavel inspiração poetica. E' o *tutti marchesi* do pitoresco rei das Duas Sicilias. E fóra dessa pseudo-critica das gazetas... O português tem poucas disposições para a critica: sobra-lhe em contratildade impressionista o que lhe falta em discernimento e capacidade analitica. Pensa por paradoxos e é, por demais, subordinado ás reacções da simpatia ou da antipatia pessoal. E pode aplicar-se-lhe a definição que Ortega y Gasset deu do burguês: «um ente incapaz de sacramentos artisticos cego e surdo a toda a beleza pura». O ensaio começa apenas a atrair alguns moços estudiosos que têm o gosto das letras e não se sentem com alento para a invenção literaria... Mas são, por enquanto, tentativas. Um dos nossos raros ensaistas, catedratico, por sinal, pretendeu varrer Guerra Junqueiro—e digo que pretendeu varrer porque o homem chama-se Almeida—para fóra da historia literaria portuguesa, ao concluir um estudo crítico que lhe dedicou com a afirmativa de que se o autor dos *Simples* não tivesse escrito versos a literatura portuguesa não teria perdido absolutamente nada...

E o nosso entrevistado, com um sorriso ironico, disse depois duma breve pausa:

—Ha uns insectos cujo macho logo após o acto da fecundação é morto e devorado pela femea. Li isto em Fábry... E' pena que certos sujeitos sobrevivam á perpetração de descompassadas asneiras. Não lhe parece que deviam falecer, visto a sua missão na terra estar cumprida?... Adiante! Em Portugal, esta é a verdade—ha muitos despeitos, muita inveja, muita maledicencia, muita relutancia em admirar: mas tambem, a par disso, três ou quatro cooperativas de elogio-mutuo bem montadas e funcionando com pleno rendimento. Se não fossem elas porventura estaria aí arvorado em «mestre da lingua» um sr. Figueiredo que tem a petulancia de querer ser Antero—como costumava dizer o meu illustre e saudoso amigo Fortunato da



BOURBON E MENEZES

Fonseca, outro dia falecido no Alandroal?...

Houve outra pausa. Bourbon e Menezes fez um gesto vago. E, seguidamente, prosseguiu, para terminar:

—O momento literario português, reflectindo, como não podia deixar de ser, os movimentos contraditorios deste «tournant» da Historia, oferecenos de tudo um pouco: desde o espiritualismo tradicionalista e catolico com que Antonio Correia de Oliveira perfuma a sua roupa-branca e a sua poesia até o realismo largamente humano dos ultimos livros do autor dos *Emigrantes*. Pela parte que me diz respeito, e assim como Aquilino, que em varios dos seus livros—os melhores—se pôs a descrever os tipos rudimentares do seu recanto natal, modelando no barro da observação alquiladores e labregos, desci ao purgatorio e ao inferno da miseria lisboeta e no meu pequeno livro *A ronda da noite* trouxe para a luz, com a sua gria e a sua dôr, figuras de operarios e de meretrizes, compondo um friso a que Jaime Brasil chamou, se não me engano, «populista». Todas as correntes, materialistas e espiritualistas, se fazem, portanto, sentir na literatura portuguesa de hoje. E acho bem que assim seja... Já ouvi aí falar em literatura dirigida... Que horror! Compreendo que se planifique a produção do trigo ou da beterraba, o fabrico dos botões de osso ou a plantação da vinha. Planificar a produção intelectual, eis uma intenção que, apesar de utopia, não me horroriza menos do que a lepra. A invenção científica e a criação literaria artistica não desabrocham senão na liberdade espiritual. Toda a historia nolo atesta... O criador de ciencia e criador de beleza, reduzidos á servidão de qualquer poder organizativo, seja ele qual for, aviltam-se. E o aviltamento é a esterilidade... Não proscrevo, já se vê, do ambito da Arte, as influências religiosas ou politicas. Reputo-as fatais, e, até certo ponto, fecundas e necessarias, quando exercidas sem coacções, por uma adesão livre da consciencia. A despeito das suas episodicas manifestações de brutalidade, que, por vezes, fazem acudir ao nosso espirito certo melancolismo dito de Voltaire sobre a estupidez do mundo, o mundo moderno tem uma grande sede de justiça. Ha já muita gente que, por todo esse vasto mundo sulcado de torrentes de lagrimas, sem nenhum desrespeito, aliás, pelo que de superiormente moral palpita na mensagem de Jesus, se recusa a admitir que a miseria sejam uma fatalidade sem remedio e que até o fim dos seculos haja pobres entre nós... Esse anseio que anima um largo sector da literatura contemporanea de além fronteiras, começa a estremecer na literatura portuguesa de hoje, na da gente moça, sobretudo,—moça de vinte ou de quarenta e cinco anos, não importa!—a qual, forçada pelas circunstancias a concentrar-se e a meditar, ergue os olhos confiados muito para além das bandeiras que passam desfraldadas entre aclamações que hão-de apagar-se.

Automoveis sem chauffeur

Alugam-se. R. Andrade Corvo, 6

VIDA LITERARIA

Notas e Comentários aos Livros da Semana

Eis uma reedição valiosa, que chega na hora própria em que tantas verdades são esquecidas—ou adulteradas—o que é um pouco pior, o romance histórico.

Mario

por A. da Silva Gaio.

É uma nova edição popular, da Livraria Guimarães, do «Mario», consagrado romance de episódios das lutas civis portuguesas—(1820-1834) publicado em 1868 pelo dr. Antonio da Silva Gaio, filho do dr. Manuel Joaquim de Almeida Silva Gaio, que tanto sofreu e se sacrificou pela causa que ha cerca de um século enchia o país, e consentiu a explosão nacional contra a tirania estrangeira, e a usurpação.

É uma obra, pois, fora da critica, e que fica até a margem do comentário.

O volume insere o conhecido «Esboço Biográfico» de Tomaz Ribeiro, extraído da segunda edição, e o comentário do «Conimbricense», de 18 de Setembro de 1900, de Joaquim Martins de Carvalho, que alude ás responsabilidades de D. Miguel no assassinio do Marquês de Loulé, em Salvaterra.

Lá se repete a ingenua dedicatória a Emilia Paredes, sua prima e esposa. E' dessa dedicatória de 1867 que recontamos:

«... Pensei em apontar a historia da nossa guerra civil de 1820-1834. Pareceu-me que seria util lembrar o que a liberdade custou a muitos, que de tal andam esquecidos, e por isso não toleram a liberdade alheia».

Lá vem no apêndice os quatro famosos documentos que agora andam esquecidos, e desmorteados da sua verdadeira significação historica, politica e dinastica:

«... A pessoa de vossa magestade imperial e real guarde Deus muitos anos, como deseja e ha mister o de vossa magestade imperial e real fidelissima, subdito fiel e irmão afeiçoado e reconhecido—Infante D. Miguel» (Carta de D. Miguel para D. Pedro, datada de Viena de Austria, a 12 de Maio de 1826).

«Juro sobre estes Santos Evangelhos observar, fazer executar e manter a Carta constitucional decretada e outorgada pelo nosso rei o sr. D. Pedro IV... Infante D. Miguel». (Juramento prestado perante o Barão de Vila Seca, em Viena, em Outubro de 1826).

«Senhor:—Fui entregue do decreto datado de 3 de Julho do corrente ano, pelo qual vossa magestade imperial e real fidelissima foi servido nomear-me seu lugar tenente e regente dos reinos de Portugal, dos Algarves e suas dependencias; e, conformando-me... subdito fiel—D. Miguel». (Carta a D. Pedro IV, de 19 Outubro de 1827).

«Juro fidelidade a suas magestades el-rei D. Pedro IV e á rainha D. Maria II...» (Juramento 1828).

O volume, porém, é o romance, de feito historico, que se mantem, apesar das reviravoltas naturais do gosto literario, com interesse de leitura, tão vivo e sugestivo como se houvera sido escrito no nosso tempo.

A sombra da noite

por Araujo Pereira.

O escritor, mestre de teatro, sr. Araujo Pereira, publicou ha pouco tempo um livro de versos «A sombra da noite» e no qual apresenta poesias, ainda ao geito metrico de ha vinte anos, os classicos e harmoniosos decasilabos, a par de poesia ao gosto novo, sintetica, quebrada, «a forma renovada» onde tanto cabem os talentos masculos como os habilidosos da facilidade.

É um volume de poesias que reflecte uma alma candida, e um espirito que não envelhece, e antes tenta novos ensaios na época adiantada das experiencias feitas em que tantos cristalizam.

O volume é pequeno, e não sendo propriamente um ensaio tímido—porque constitue uma afirmação fulgurante dentro do genero e até na ori-

ginalidade dos confrontos—é, pode dizer-se, uma demonstração.

Araujo Pereira, se assenta na forma nova, dispensando-se do eterno verso melodioso do século XIX, abandonado agora já por capricho já por incapacidade sensitiva—pode dar-nos um volume completo, onde se desenvolve o seu pulcro talento, servido por uma sensibilidade delicadissima, por um sentido peregrino da poesia moderna.

Damos, como exemplo, da maneira poetica que Araujo Pereira com felicidade tentou, um trecho da sua poesia «Olhos e estrelas».

Noite branca e alegre.

Noite alvarada

que é uma alvorada

'strelada

de tantas 'strélas,

tantas

que, em suma,

não sobra campo pra mais nenhuma

Tessinha nos tornozelos,

elegante e decente,

caminha muita airosa

pelos ombros

uma muchacha.

Caidos leva os cabelos

pelos ombros

e descem

à cintura fina

e ligeira.

Ancas arredondadas

de lua cheia.

Os seios,

ondas cristalizadas,

vão tremendo no andar dela.

Dois pedacitos de céu limpo

descidos ao semblante

vêm tudo que se passa

ao pé

ou

distante.

Abril.

Os véus

roxentos

caem dos céus

e envolvem-lhe o corpo ge-

Longe

num mistério roxo,

pia o mocho.

O sapo

desenrola a voz de trapo.

A muchacha

encantada com os olhos

dêle,

abre de espanto a boca.

Interrompe-lhe o coazar,

assusta-o

com palmas

'stridentes,

e a gritar,

e a rir,

como grilo,

ja-lo

calor

e sumir.

Edição do autor.

Aires de Ornelas—colectanea

São dois volumes, de admirável realização editorial da Divisão de publicações e biblioteca da Agencia Geral das Colonias. Este relevo á edição merece-o a Agencia.

« Aires de Ornelas—colectanea das suas principais obras militares e coloniais » são volumes indispensaveis nas estantes de colonialistas e apaixonados das nossas cousas ultramarinas. A sua publicação obedece ao espirito do decreto publicado em Dezembro de 1932 que visa principalmente constituir uma biblioteca colonial portugueza.

Para se avaliar da extensão panoramica dos volumes—e a citação é por si só um preito á memoria do eminente português—, e se ver do indiscutível interesse da obra, apresentamos o sumario do texto, precedido da Genealogia e de um prefacio de Eduardo Lupi, que foi ajudante de campo de Aires de Ornelas.

Campanha do Cuanhama, A Governação de Mousinho, Elogio de Mousinho, Combate de Marracuene, Combate de Coolela, O caminho de ferro na Beira, Operações em Moçambique (1896 e 1897), Campanha de Gaza, a Guerra na Africa do Sul, A missão ao Niassa e á Zambesia (A historia, a terra, os habitantes, a Administração, Limites e concessões no Niassa), e a Zambesia.

As 700 paginas desta obra, que não deixam de oferecer interesse literario, estão enriquecidas por boas reproduções graficas de costumes, aspectos, acontecimentos celebres, e documentação fotografica.

Espiritualismo

por Hugo Rocha.

São trechos de prosas seleccionadas, locubrações do espirito, especulações filosoficas de uma intelligencia in-

quieta— ainda que indecisa, devemos dizer já— auxiliada por uma cultura suficiente—este «Espiritualismo», que o nosso presado colega da imprensa portuense, sr. Hugo Rocha, agora apresenta ao publico, sob a forma de «ensaio—conferencia», designação que nos parece confusa.

Não é uma obra tendenciosa politica, sob um aspecto literario, dissimulação agora na moda, e sempre toleravel quando é bela pela forma, ou pelo arrojo do pensamento. É mais um livro idealista, embora queira ser pratico na contemplação das fraquezas, dos erros, ou das versatilidades dos homens.

Literariamente é muito bem feito este livrinho (trata-se de uma edição reduzida). E lê-se com prazer intelectual, com delicia mesmo, sem esforço e sem irritação quando não se pode concordar com o autor.

O escritor revelado no «Bayete» afirma o seu talento em mais uma modalidade da sua intelligencia. É talvez prematuro para a sua idade? Não tem o escritor ainda aquela solida autoridade da experiencia, e que dá prestigio ao seu «Espiritualismo»?

Não pensemos assim, que seria erro. Enunciamos a pergunta apenas para ir ao encontro do possível pensamento de alguns criticos.

A intelligencia não tem idade; ou se a tem, tem-na mais vigorosa, mais saudavel, quanto mais moça.

É, de certo modo, a obra ou o ensaio—e aqui cabe a expressão— de um jornalista pensador e observador. Se quizerem, é uma sondagem ao problema social, uma «escuta» á palpação ansiada do século que corre.

«Para onde vamos? Ao certo, ao certo, ninguém poderá dizer-lo. Não obstante creio firmemente que a Providencia não votará ao ostracismo a pobre humanidade; que a Força e a Lei supremas farão sentir, no tempo oportuno, o seu peso de sempre, que isto será o que tem de ser e não o que se quer que seja...».

Como vêem—é vago, mas adivinha-se a palpação generosa do autor.

Uma ideia se diviza claramente: a supremacia do espirito sobre a materia: «insisto: o homem precisa de escutar mais, cada vez mais, a voz do espirito». É, ao cabo, um livro que se volta para o cristianismo sob a forma de espiritualidade mistica. Se bem o entendemos, o livro é quasi confessional (conferencia no Circulo Catolico de Vila do Conde).

Mas o espiritualismo de Hugo Rocha não é parado:

«Não. O espiritualismo não renuncia á acção. Bem ao contrario, não a dispensa do serviço das doutrinas que advoga... E sempre que á acção se possa ir buscar uma conquista apreciavel o espiritualismo faz mais do que admiti-la: aconselha-a». (Reflexões finais).

É a milicia, que toma a posição de uma falange aristocratica da razão e do espirito, cavaleiros, afinal. Mas—por essa indecisão que anotamos— nas primeiras paginas do Antelolquo o Autor estriba-se em palavras de Garrett «este é um século democratico; tudo o que se fizer hade ser pelo povo e com o povo... ou não se faz». Comenta Hugo Rocha:

«Hoje, quasi cem anos volvidos, as palavras de Garrett conservam o frescor da hora em que foram ditas».

E faz o elogio do Povo, estendendo-o, por condicionação, á Humanidade inteira, num sentido cristiano puro que é—dizemos nós—a desvinculação da aristocracia convencional do espirito.

Mas—repetimos—em toda a pequena obra adivinha-se a tentativa para maiores vãos, uma respeitavel sinceridade, a par da duvida que transparece, e hesita, o que supomos ser entre a razão pura—livre exame—e os preconceitos da novidade—razão dirigida pelo exterior.

Em síntese: o livro é bem feito, e merece. Edição do autor.

N. DE A.

REGISTO BIBLIOGRAFICO

Recebemos exemplares dos seguintes livros a que nos referiremos:

A Espia Negra!, novela sensacional por João Paulo Freire (Mario).

Panfleto de discussão sobre assuntos de historia (I e II), pelo mesmo.

A Divina Comedia (tradução), pelo mesmo.

A Grande Ameaça (a guerra de amanhã), por Adolfo Coelho.

Espiritualismo, por Hugo Rocha.

Charles Gide, por Antonio Maria Godinho.

Mario, por Silva Gaio.

Portucule, revista fundada por Augusto Martins e dirigida por Claudio Basto e Pedro Vitorino.

"ARQUIVO NACIONAL"

O semanario «Arquivo Nacional», da direcção illustre de Rocha Martins, entrou no seu IV ano de publicação, com um aspecto gráfico muito melhorado, e saído das oficinas da Empresa Nacional de Publicidade.

Sempre firme na rota traçada no primeiro numero, segue mantendo as suas tradições como o explica a «Carta aos leitores» que o ultimo numero insere.

Do seu sumário destacam-se os artigos: Fastos Provincianos: A Roda do Sal de Setúbal; O castelo de Peniche; Singulares aspectos do Processo de Gomes Freire; Cartas inéditas do Padre Malagrida para a Marquesa de Tavôra, etc. Publicará futuramente, uma secção intitulada «Biscas e Ases», revista da semana.

BOLO REI

Broas Fabrico Especial da Confeitaria Nacional

BALTAZAR ROIZ CASTANHEIRO, SUC., L. DA

Mais de 100 anos de bom credito e de excelente fabrico

RUA DA BETESCA, 59, 61, 63, 65

e R. dos Correios, 234, 236, 238 e 240 - Telef. 2 4470

Distribuição de balões pelas crianças

J. S. RODA, L. DA

R. Augusta, 86 a 96 Telef.: 2 5965

O primeiro estabelecimento do país de:

CAMISARIA E ALFAIATARIA

Com secções de Malhas, babadine e impremeave s, chancelarte, artigos de viagem, luvias, novidades, etc.

Na nossa ultima Pagina de comentarios da vida literaria escrevemos, apreciando o livro «A luz d'um Ideal» de Camara Manuel de Mello, que o seu autor era certamente uma senhora, que se dissimulava no pseudonimo Camara e nos apelidos.

Dizem-n'os agora que não. Camara Manuel de Mello será realmente um cavalheiro. Enganamo-nos.